

Paulo Coelho

*Histórias para
os pais,
filhos, e netos*

Volume 1

2008

Paulo Coelho's website address is

www.paulocoelho.com

Paulo Coelho's blog address is

www.paulocoelhoblog.com

Copyright © Paulo Coelho 2005

The right of Paulo Coelho to be identified as the moral rights author of this work has been asserted by him in accordance with the Copyright Amendment (Moral Rights) Act 2000 (Cth).

ISBN 978-0-557-01364-7

Published by Lulu

[prefácio]

[falar da minha infância

explica importância do conto, origem dos textos

alguns textos inéditos, outros publicados

termina com história sobre importância da história]

*Aquele que entre vós for o menor de todos,
esse é que é o grande
Lucas, 9-48*

A verdadeira habilidade

O yogue Raman era um verdadeiro mestre na arte do arco e flecha. Certa manhã, ele convidou seu discípulo mais querido para assistir uma demonstração do seu talento. O discípulo já vira aquilo mais de cem vezes, mas - mesmo assim - resolveu obedecer o mestre.

Foram para o bosque ao lado do mosteiro: ao chegarem diante de um belo carvalho, Raman pegou uma das flores que trazia em seu colar, e a colocou um dos ramos da árvore.

Em seguida, abriu seu alforje, e retirou três objetos: seu magnífico arco de madeira preciosa, uma flecha, e um lenço branco, bordado com desenhos em lilás.

O yogue então posicionou-se a uma distância de cem passos do local onde havia colocado a flor. De frente para o seu alvo, e

pediu que seu discípulo o vendasse com o lenço bordado.

O discípulo fez o que o mestre ordenara.

“Quantas vezes você já me viu praticar o nobre a antigo esporte do arco e flecha?” – perguntou.

“Todos os dias”, respondeu o discípulo. “E sempre o vi acertar na rosa, a uma distância de trezentos passos”.

Com seus olhos cobertos pelo lenço, o yogue Raman firmou os seus pés na terra, distendeu o arco com toda a sua energia – apontando na direção da rosa colocada num dos ramos do carvalho – e disparou.

A flecha cortou o ar, provocando um ruído agudo, mas nem sequer atingiu a árvore, errando o alvo por uma distância constrangedora.

“Acertei?” disse Raman, retirando o lenço que cobria seus olhos.

“O senhor errou – e por uma grande margem” respondeu o discípulo. “Achei que ia mostrar-me o poder do pensamento, e sua

capacidade de fazer mágicas.» «Eu lhe dei a lição mais importante sobre o poder do pensamento”, respondeu Raman. «Quando desejar uma coisa, concentre-se apenas nela: *ninguém jamais será capaz de atingir um alvo que não consegue ver.*”

Como ser lembrado

No mosteiro de Sceta, o abade Lucas reuniu os frades para o sermão.

- Que vocês jamais sejam lembrados - disse ele.

- Mas como? - respondeu um dos irmãos.

- Será' que nosso exemplo não pode ajudar quem está precisando?

- No tempo em que todo mundo era justo, ninguém prestava atenção nas pessoas exemplares - respondeu o abade. - Todos davam o melhor de si, sem pretender, com isso, cumprir seu dever com o irmão. Amavam ao seu próximo porque entendiam que isto era parte da vida, e não estavam fazendo nada de especial em respeitar com uma lei da natureza. Dividiam seus bens para não terem que ficar acumulando mais do que podiam carregar, já que as viagens duravam a vida inteira. Viviam juntos em liberdade, dando e recebendo, sem

nada a cobrar ou culpar nos outros. Por isso seus feitos não foram contados, e eles não deixaram nenhuma história.

«Quem dera, pudéssemos conseguir a mesma coisa no presente: fazer do bem uma coisa tão comum, que não haja qualquer necessidade de exaltar aqueles que o praticaram.»

Reconstruindo o mundo

O pai estava tentando ler o jornal, mas o filho pequeno não parava de perturbá-lo. Já cansado com aquilo, arrancou uma folha – que mostrava o mapa do mundo – cortou-a em vários pedaços, e entregou-a ao filho.

- Pronto, aí tem algo para você fazer. Eu acabo de lhe dar um mapa do mundo, e quero ver se você consegue montá-lo exatamente como é.

Voltou a ler seu jornal, sabendo que aquilo ia manter o menino ocupado pelo resto do dia. Quinze minutos depois, porém, o garoto voltou com o mapa.

- Sua mãe andou lhe ensinando geografia? – perguntou o pai, aturdido.

- Nem sei o que é isso – respondeu o menino. – Acontece que, do outro lado da folha, estava o retrato de um homem. E, uma

vez que eu consegui reconstruir o homem, eu também reconstruí o mundo.

Pensando na morte

Zilu perguntou a Confúcio (filósofo chinês, que viveu no século VI A.C.):

- Posso perguntar-lhe o que pensa sobre a morte?

Poder, você pode – respondeu Confúcio. – Mas se ainda não compreende a vida, por que deseja saber tanto sobre a morte? Deixe para refletir sobre ela quando a vida já tiver acabado.

Pagando o preço devido

Nuxivan havia reunido seus amigos para jantar, e estava cozinhando um suculento pedaço de carne. De repente, percebeu que o sal havia terminado.

Nixivan chamou o seu filho:

- Vai até a aldeia, e compre o sal. Mas pague um preço justo por ele: nem mais caro, nem mais barato.

O filho ficou surpreso:

- Compreendo que não deva pagar mais caro, papai. Mas, se puder barganhar um pouco, por que não economizar algum dinheiro?

- Numa cidade grande, isto é aconselhável. Mas, numa cidade pequena como a nossa, toda a aldeia perecerá.

Quando os convidados, que tinham assistido a conversa, quiseram saber porque não

se devia comprar o sal mais barato, Nixivan respondeu:

- Quem vender o sal abaixo do preço, deve estar agindo assim porque precisa desesperadamente de dinheiro. Quem se aproveitar desta situação, estará mostrando desrespeito pelo suor e pela luta de um homem que trabalhou para produzir algo.

- Mas isso é muito pouco para que uma aldeia seja destruída.

- Também, no início do mundo, a injustiça era pequena. Mas cada um que veio depois terminou acrescentando algo, sempre achando que não tinha muita importância, e vejam onde terminamos chegando hoje.

A falta de um tijolo

Durante uma viagem, recebi um fax de minha secretária.

"Ficou faltando um tijolo de vidro para a reforma da cozinha", dizia ela. "Envio o projeto original, e o jeito que o pedreiro dará para compensar a falta."

De um lado, havia o desenho que minha mulher fizera: fileiras harmoniosas, com abertura para a ventilação. Do outro lado, o projeto que resolvia a falta do tijolo: um verdadeiro quebra-cabeças, onde os quadrados de vidro se misturavam sem qualquer estética.

"Comprem o tijolo que falta", escreveu minha mulher. Assim foi feito, e o desenho original foi mantido.

Naquela tarde, fiquei pensando muito tempo no ocorrido; quantas vezes, pela falta de

um simples tijolo, deturpamos completamente o projeto original de nossas vidas.

Epictetus reflete sobre o encontro

Epictetus (A.D. 55 – A.D. 135) nasceu escravo, e se tornou um dos grandes filósofos de Roma. Foi expulso da cidade no ano 94, e criou – no exílio – uma maneira de ensinar a seus discípulos. A seguir, trecho de sua “Arte de Viver”:

“Duas coisas podem acontecer quando nos encontramos com alguém: ou nos tornamos amigos, ou tentamos convencer esta pessoa a aceitar nossas convicções. O mesmo acontece quando a brasa encontra um outro pedaço de carvão: ou compartilha seu fogo com ele, ou é sufocada por seu tamanho, e termina se extinguindo.

«Como, geralmente, somos inseguros num primeiro contacto, tentamos a indiferença, a arrogância, ou a excessiva humildade. O resultado é que deixamos de ser quem somos, e

as coisas passam a se dirigir para um estranho mundo que não nos pertence.

“Para evitar que isto aconteça, permita que seus bons sentimentos sejam logo notados. A arrogância geralmente é uma máscara banal da covardia, mas termina impedindo que coisas importantes floresçam na sua vida.»

Um conto de Kahlil Gibran

Eu estava andando nos jardins de um asilo de loucos, quando encontrei um jovem rapaz, lendo um livro de filosofia.

Por seu jeito, e pela saúde que mostrava, não combinava muito com os outros internos.

Sentei-me ao seu lado, e perguntei:

- O que você está fazendo aqui?

Ele me olhou surpreso. Mas, vendo que eu não era um dos médicos, respondeu:

- É muito simples. Meu pai, um brilhante advogado, queria que eu fosse como ele. Meu tio, que tinha um grande entreposto comercial, gostaria que eu seguisse seu exemplo. Minha mãe desejava que eu fosse a imagem de seu adorado pai. Minha irmã sempre me citava o seu marido como exemplo de um homem bem-

sucedido. Meu irmão procurava treinar-me para se um excelente atleta como ele.

“E o mesmo acontecia com meus professores na escola, o mestre de piano, o tutor de inglês – todos estavam convencidos e determinados que eram o melhor exemplo a seguir. Ninguém me olhava como se deve olhar um homem – mas como se olha no espelho.

“Desta maneira, eu resolvi internar-me neste asilo. Pelo menos, aqui eu posso ser eu mesmo”.

O encontro com o rei

Um rei persa perguntou a Saadi de Shiraz:

- Nas tuas caminhadas pelas cidades de meu país, costumavas pensar em mim, e nas minhas obras?

- Ó rei, eu penso em ti, sempre que me esqueço de Deus – foi a resposta do sábio.

O único culpado

O sábio rei Weng pediu para visitar a prisão de seu palácio. E começou a escutar as queixas dos presos.

- Sou inocente - dizia um acusado de homicídio. - Vim para cá porque quis assustar minha mulher, e sem querer a matei.

- Me acusaram de suborno - dizia outro. - Mas tudo que fiz foi aceitar um presente que me ofereciam.

Todos os presos clamaram inocência ao rei Weng. Até que um deles, um rapaz de pouco mais de vinte anos, disse:

- Sou culpado. Feri meu irmão numa briga e mereço o castigo. Este lugar me faz refletir sobre o mal que causei.

- Expulsem este criminoso da prisão imediatamente! - gritou o rei Weng. - Com

tantos inocentes aqui, ele terminará por corrompê-los!

Como ajudar o país

Zizhang procurou Confúcio por toda a China. O país vivia um momento de grande convulsão social, e ele temia derramamento de sangue.

Encontrou o mestre junto de uma figueira, meditando.

- Mestre, precisamos urgente de sua presença no governo - disse Zizhang. - Estamos à beira do caos.

Confúcio continuou meditando.

- Mestre, ensinaste que não podemos nos omitir - continuou Zizhang. - Disseste que somos responsáveis pelo mundo.

- Estou rezando pelo país, - respondeu Confúcio. - Depois irei ajudar um homem na esquina. Fazendo o que está ao nosso alcance, beneficiamos a todos. Tentando apenas ter idéias para salvar o mundo, não ajudamos nem a

nós mesmos. Existe mil maneiras de se fazer política; não é preciso ser parte do governo.

Onde o macaco coloca a mão

- É estranha esta expressão popular: "*macaco velho não bota a mão em cumbuca*"- comentei com um amigo

- Mas tem sua lógica – respondeu ele. - Na Índia, os caçadores abrem um pequeno buraco num coco, colocam uma banana dentro, e enterram-no. O macaco se aproxima, pega a banana, mas não consegue tira-la - porque sua mão fechada não passa pela abertura. Ao invés largar a fruta, o macaco fica lutando contra o impossível, até ser agarrado.

O mesmo se passa em nossas vidas. A necessidade de ter determinada coisa – às vezes algo pequeno e inútil - faz com que terminemos prisioneiros dela.

Escolhendo o destino

Há muitos anos atrás, vivia um homem que era capaz de amar e perdoar a todos que encontrava em seu caminho. Por causa disso, Deus enviou um anjo para conversar com ele.

- Deus pediu que eu viesse visitá-lo, e lhe dizer que Ele quer recompensá-lo por sua bondade – disse o anjo. - Qualquer graça que desejar, lhe será concedida. Você gostaria de ter o dom de curar?

- De maneira nenhuma – respondeu o homem. – Prefiro que o próprio Deus selecione aqueles que devem ser curados.

- E que tal, trazer os pecadores para o caminho da Verdade?

- Isso é uma tarefa de anjos como você. Eu não quero ser venerado por ninguém, e ficar servindo de exemplo o tempo todo.

- Eu não posso voltar para o céu sem ter lhe concedido um milagre. Se não escolher, será obrigado a aceitar um.

O homem refletiu um pouco, e terminou respondendo:

- Então, eu desejo que o Bem seja feito por meu intermédio, mas sem que ninguém perceba – nem eu mesmo, que poderei pecar por vaidade.

E o anjo fez com que a sombra daquele homem tivesse o poder de cura, mas só quando o sol estivesse batendo em seu rosto. Desta maneira, por onde passasse, os doentes eram curados, a terra voltava a ser fértil, e as pessoas tristes recuperavam a alegria.

O homem caminhou muitos anos pela Terra, sem jamais se dar conta dos milagres que realizava, porque – quando estava de frente para o sol, a sombra estava sempre nas suas costas. Desta maneira, pode viver e morrer sem ter consciência da própria santidade.

Frustrado na busca

O místico Ramakrishna começou a dedicar-se à vida espiritual desde a idade de dezesseis anos. No começo, chorava amargamente por não conseguir nenhum resultado - apesar de sua dedicação ao trabalho no templo.

Quando já era famoso, um amigo lhe perguntou sobre esta etapa de sua existência. Ramakrishna respondeu.

-Se um ladrão passasse a noite em uma sala, com apenas uma parede fina separando-o de um quarto cheio de ouro, ele conseguiria dormir? Ficaria acordado a noite inteira, arquitetando planos. Quando eu era jovem, desejava Deus mais ardentemente do que o ladrão desejaria aquele ouro, e me custou muito a aprender a maior virtude da busca espiritual: a paciência.”

Khrisna escutará a oração

A viúva de uma pobre aldeia em Bengala não tinha dinheiro para pagar o ônibus para seu filho, de modo que o garoto, quando foi matriculado num colégio, iria ter que atravessar, sozinho, uma floresta. Para tranquilizá-lo, ela disse:

- Não tenha medo da floresta, meu filho. Peça ao seu Deus Krishna para acompanhá-lo. Ele escutará sua oração.

O garoto fez o que a mãe dizia, Krishna apareceu, e passou a levá-lo todos os dias à escola.

Quando chegou o dia do aniversário do professor, o menino pediu a mãe algum dinheiro para levar um presente.

- Não temos dinheiro, filho. Peça ao seu irmão Krishna para arranjar um presente.

No dia seguinte, o menino contou seu problema a Krishna. Este lhe deu uma jarra cheia de leite.

Animado, o menino entregou a jarra ao professor. Mas, como os outros presentes eram mais bonitos, o mestre não deu a menor atenção.

- Leva esta jarra para a cozinha – disse o professor para um assistente. –

O assistente fez o que lhe fora mandado. Ao tentar esvaziar a jarra, porém, notou que ela tornava a encher-se sozinha. Imediatamente, foi comunicar o fato ao professor que, aturdido, perguntou ao menino:

- Onde arranjou esta jarra, e qual é o truque que a mantém cheia?

- Quem me deu foi Krishna, o Deus da floresta.

O mestre, os alunos, o ajudante, todos riram.

- Não há deuses na floresta, isto é superstição! – disse o mestre. – Se ele existe, vamos lá fora para vê-lo!

O grupo inteiro saiu. O menino começou a chamar por Krishna, mas este não aparecia. Desesperado, ele fez uma última tentativa:

- Irmão Krishna, meu mestre quer vê-lo. Por favor, apareça!

Neste momento, escutou-se da floresta uma voz, que ecoou pela cidade e foi ouvida por todos:

- Como é que ele deseja me ver, meu filho? Ele nem sequer acredita que eu existo!

A arte de ouvir

O sábio Saadi de Shiraz caminhava por uma rua com seu discípulo, quando viu um homem tentando fazer com que sua mula andasse. Como o animal recusava-se a sair do lugar, o homem começou a insultá-lo com as piores palavras que conhecia.

- Não sejas tolo – disse Saad de Shiraz. – O asno jamais aprenderá tua linguagem. O melhor será que te acalmes, e aprendas a linguagem dele.

E afastando-se, comentou com o discípulo:

- Antes de entrar numa briga com um asno, pensa bem na cena que acabaste de ver.

A corneta que afastava tigres

Um homem chegou numa aldeia com uma corneta misteriosa, de onde pendiam panos vermelhos e amarelos, contas de cristal e ossos de animais.

- Esta é uma corneta que afasta tigres – disse o homem. – A partir de hoje, por uma modesta quantia diária, eu a tocarei todos as manhãs, e vocês nunca serão devorados por estes terríveis animais.

Os habitantes da aldeia, aterrorizados com a ameaça de ataque de um animal selvagem, concordaram em pagar o que o recém-chegado pediu.

Assim se passaram muitos anos, o dono da corneta ficou rico, e construiu um belo castelo para si mesmo. Certa manhã, um rapaz que

passava pelo local, perguntou a quem pertencia aquele castelo. Ao saber da história, resolveu ir até lá conversar com o homem.

- Ouvi dizer que o senhor tem uma corneta que afasta tigres – disse o rapaz. – Acontece, porém, que não existem tigres em nosso país.

Na mesma hora, o homem convocou todos os habitantes da aldeia, e pediu ao rapaz que repetisse o que dissera.

- vocês escutaram bem o que ele disse? – gritou o homem, assim que o rapaz terminou. – Esta é a prova irrefutável do poder da minha corneta!

O silêncio da noite

Num deserto da África, caminhavam o mestre sufi e seu discípulo. Quando a noite caiu, os dois montaram a tenda, e deitaram-se para descansar.

- Que silêncio! – comentou o discípulo

- Nunca diga: “que silêncio!” – respondeu o mestre. – Diga sempre: “eu não estou conseguindo escutar a natureza.”

Matisse e Renoir se encontram

Desde jovem, o pintor Henri Matisse costumava visitar semanalmente o grande Renoir em seu atelier. Quando Renoir foi atacado por artrite, Matisse passou a fazer visitas diárias, levando alimentos, pincéis, tintas, mas sempre procurando convencer o mestre de que estava trabalhando demais, e precisava descansar um pouco.

Certo dia, notando que cada pincelada fazia com que Renoir gemesse de dor, Matisse não se conteve:

“Grande mestre, sua obra já é vasta e importante. Por que continuar torturando-se desta maneira?”

“Muito simples”, Renoir respondeu. “A beleza permanece; a dor termina passando”.

O pão que caiu do lado errado

Nossa tendência é sempre acreditar que tudo que fazemos sempre tende a dar errado – já que achamos que somos incapazes de merecer uma bênção. Eis uma interessante história a respeito:

Um homem tomava despreocupadamente seu café da manhã. De repente, o pão onde acabara de passar manteiga, caiu no chão.

Qual foi sua surpresa quando, ao olhar para baixo, viu que a parte onde tinha passado a manteiga estava virada para cima! O homem achou que tinha presenciado um milagre: animado, foi conversar com seus amigos sobre o ocorrido – e todos ficaram surpresos, porque o pão, quando cai no solo, sempre fica com a

parte da manteiga virada para baixo, sujando tudo.

- Talvez você seja um santo – disse um. – E está recebendo um sinal de Deus.

A história logo correu a pequena aldeia, e todos se puseram a discutir animadamente o ocorrido: como é que, contrariando tudo o que se dizia, o pão daquele homem tinha caído no chão daquela maneira? Como ninguém conseguia encontrar uma resposta adequada, foram procurar um Mestre que morava nas redondezas, e contaram a história.

O Mestre pediu uma noite para rezar, refletir, pedir inspiração Divina. No dia seguinte, todos foram até ele, ansiosos pela resposta.

- É uma solução muito simples – disse o mestre. – Na verdade, o pão caiu no chão exatamente como devia cair; a manteiga é que havia sido passada no lado errado.

O matador de dragões

Zhuangzi, um célebre autor chinês, conta a história de Zhu Pingman, que foi procurar um mestre para aprender a melhor maneira de matar dragões.

O mestre treinou Pingman por dez anos seguidos, até que este conseguiu desenvolver – à perfeição – a técnica mais sofisticada de matar dragões.

A partir daí, Pingman passou o resto da vida procurando dragões, a fim de que pudesse mostrar a todos sua habilidade: para sua decepção, nunca encontrou nenhum.

O autor da história comenta: “todos nós nos preparamos para matar dragões, e terminamos sendo devorados pelas formigas dos detalhes, as quais nunca prestamos atenção”.

Sobre os mestres e professores

Em um dos textos de “Conversas Familiares”, Confúcio descreve um interessante diálogo a respeito do aprendizado:

Confúcio sentou-se para descansar, e logo os alunos começaram a fazer perguntas. Naquele dia, o Mestre estava bem disposto, e resolveu responder.

- O Sr. consegue explicar tudo o que sente. Por que não vai até o imperador e fala com ele?

- O imperador também faz belos discursos - disse Confúcio. – E belos discursos são apenas uma questão de técnica; eles não trazem em si a Virtude.

- Então envie o seu livro *Poemas*.

- Os trezentos poemas ali escritos podem ser resumidos numa só frase: *pense corretamente*. Este é o segredo.

- O que é pensar corretamente?

- É saber usar a mente e o coração, a disciplina e a emoção. Quando se deseja uma coisa, a vida nos guiará até lá, mas por caminhos que não esperamos. Muitas vezes, nos deixamos confundir, porque estes caminhos nos surpreendem – e então achamos que estamos indo na direção errada. Por isso eu disse: deixe-se levar pela emoção, mas tenha a disciplina de seguir adiante.

- O Sr. faz isso?

- Aos quinze anos, comecei a aprender. Aos trinta, passei a ter certeza do que desejava. Aos quarenta, as dúvidas voltaram. Aos cinquenta anos, descobri que o Céu tem um projeto para mim e para cada homem sobre a face da Terra. Aos sessenta, compreendi este projeto e encontrei a tranqüilidade para segui-lo. Agora, aos setenta anos, posso escutar meu coração, sem que ele me faça sair do caminho.

- Então, o que o faz diferente dos outros homens que também aceitam a vontade do Céu?

- Eu procuro dividi-la com vocês. E quem consegue discutir uma verdade antiga com uma geração nova, deve usar sua capacidade ensinar. Esta é a minha única qualidade: ser um bom professor.

- O que é um bom professor?

- O que examina tudo o que ensina. As idéias antigas não podem escravizar o homem, porque elas se adaptam, e ganham novas formas. Então, tomemos a riqueza filosófica do passado, sem esquecer os desafios que o mundo presente nos propõe.

- O que é um bom aluno?

- Aquele que escuta o que eu digo, mas adapta meus ensinamentos à sua vida, e nunca os segue ao pé da letra. Aquele que não procura um emprego, mas um trabalho que o dignifica. Aquele que não busca ser notado, e sim fazer algo notável.

A ponte e a pinguela

Certo homem, depois de muitos anos de trabalho e meditação sobre a melhor maneira de atravessar o rio diante de sua casa, construiu uma pinguela sobre ele. Acontece que os habitantes da aldeia raramente ousavam atravessá-la, por causa de sua precariedade.

Um belo dia apareceu por ali um engenheiro. Junto com os habitantes, construíram uma ponte, o que deixou enfurecido construtor da pinguela. A partir daí, ele começou a dizer, para quem quisesse ouvir, que o engenheiro tinha desrespeitado o seu trabalho.

- Mas a pinguela ainda está lá! – respondiam os habitantes. – É um monumento aos seus anos de esforço e meditação.

- Ninguém a usa – o homem, nervoso, insistia.

- O senhor é um cidadão respeitado, e nós gostamos do senhor. Acontece que, se as pessoas acham a ponte mais bela e mais útil que a pinguela, o que podemos fazer?

- Ela está cruzando o meu rio!

- Mas senhor, apesar de todo o respeito que temos pelo seu trabalho, queríamos dizer que o rio não é seu. Ele pode ser atravessado a pé, por barco, a nado, de qualquer maneira que desejarmos; se as pessoas preferem cruzar a ponte, por que não respeitar o desejo delas?

“Finalmente, como podemos confiar em alguém que, ao invés de tentar melhorar a sua pinguela, passa o tempo todo criticando a ponte?”

(baseada numa história de Silvio Paulo Albino)

No caminho de uma feira de livros

Eu estava indo de New York para Chicago, rumo a feira de livros da American Booksellers Association. De repente, um rapaz fica em pé no corredor do avião:

- Preciso de doze voluntários - disse. - Cada um vai carregar uma rosa, quando aterrissarmos.

Várias pessoas levantaram a mão. Eu também levantei, mas não fui escolhido.

Mesmo assim, resolvi acompanhar o grupo. Descemos, o rapaz apontou para uma moça no saguão do aeroporto de O'Hare. Um a um, os passageiros foram entregando suas rosas para ela. No final, o rapaz pediu-a em casamento na frente de todos - e ela aceitou.

Um comissário de bordo comentou

comigo:

- Desde que trabalho aqui, foi a coisa mais romântica que aconteceu neste aeroporto.

A essência do perdão

Um dos soldados de Napoleão cometeu um crime – a história não conta qual – e foi condenado à morte.

Na véspera do fuzilamento, a mãe do soldado foi implorar para que a vida de seu filho fosse poupada.

- Minha senhora, o que seu filho fez não merece clemência.

- Eu sei – disse a mãe. – Se merecesse, não seria verdadeiramente um perdão. Perdoar é a capacidade de ir além da vingança ou da justiça.

Ao ouvir estas palavras, Napoleão comutou a pena de morte em exílio.

O caminho do meio

O monge Lucas, acompanhado de um discípulo, atravessava uma aldeia. Um velho perguntou ao asceta:

- Santo homem, como me aproximo de Deus?

- Divirta-se. Louve o Criador com sua alegria - foi a resposta.

Os dois continuaram a caminhar. Neste momento, um jovem aproximou-se.

- O que faço para me aproximar de Deus?

- Não se divirta tanto - disse Lucas.

Quando o jovem partiu, o discípulo comentou:

- Parece que o senhor não sabe direito se devemos ou não devemos nos divertir.

- A busca espiritual e' uma ponte sem corrimão atravessando um abismo – respondeu Lucas. - Se alguém esta' muito perto do lado direito, eu digo 'para a esquerda!' Se aproximam-

se do lado esquerdo, eu digo 'para a direita!'. Os extremos nos afastam do Caminho.

O gosto e a língua

Um mestre zen descansava com seu discípulo. A certa altura, tirou um melão do seu alforje, dividiu-o em dois, e ambos começaram a comê-lo.

No meio da refeição, o discípulo comentou:

- Meu sábio mestre, sem que tudo que o senhor faz tem um sentido. Dividir este melão comigo talvez seja um sinal de que tem algo a me ensinar.

O mestre continuou a comer em silêncio.

- Pelo seu silêncio, entendo a pergunta oculta – insistiu o discípulo. – E deve ser a seguinte: o gosto que estou experimentando ao comer esta deliciosa fruta está em que lugar: no melão ou na minha língua?

O mestre não disse nada. O discípulo, entusiasmado, prosseguiu:

- E como tudo na vida tem um sentido, eu penso que estou perto da resposta a esta pergunta: o gosto é um ato de amor e interdependência entre os dois, porque sem o melão não haveria um objeto de prazer, e sem a língua...

- Basta! – disse o mestre. – Os mais tolos são aqueles que se julgam os mais inteligentes, e buscam uma interpretação para tudo! O melão é gostoso, isto é suficiente, e deixe-me come-lo em paz!

El Greco e a luz

Numa agradável tarde de primavera, um amigo foi visitar o pintor El Greco. Para sua surpresa, encontrou-o em seu atelier, com todas as cortinas fechadas.

Greco trabalhava num quadro que tinha como tema central a Virgem Maria, usando apenas uma vela para iluminar o ambiente. Surpreso, o amigo comentou:

- Sempre ouvi dizer que os pintores gostam do sol para escolher direito as cores que vão usar. Por que você não abre as cortinas?

- Agora não – respondeu El Greco. – Perturbaria o fogo brilhante da inspiração que está incendiando minha alma, e enchendo de luz tudo a minha volta.

Como nivelar o mundo

Confúcio viajava com seus discípulos quando soube que, numa aldeia, vivia um menino muito inteligente. Confúcio foi até lá conversar com ele e, brincando, perguntou:

- Que tal se você me ajudasse a acabar com as desigualdades?

- Por que acabar com as desigualdades? – disse o menino. – Se achatarmos as montanhas, os pássaros não terão mais abrigo. Se acabarmos com a profundidade dos rios e dos mares, todos os peixes morrerão. Se o chefe da aldeia tiver a mesma autoridade que o louco, ninguém se entenderá direito. O mundo é muito vasto, deixá-lo com suas diferenças.

Os discípulos saíram dali impressionados com a sabedoria do menino. Quando já se encaminhavam para outra cidade, um deles

comentou que todas as crianças deviam ser assim.

- Conheci muitas crianças que, ao invés de estar brincando e fazendo coisas de sua idade, procuravam entender o mundo – disse Confúcio. – E nenhuma destas crianças precoces conseguiu fazer algo importante mais tarde, porque jamais experimentaram a inocência e a sadia irresponsabilidade da infância.

A importância de saber os nomes

Zilu perguntou a Confúcio:

- Se o rei Wen o chamasse para governar o país, qual seria a primeira providência?

- Aprender os nomes de meus assessores.

- Que bobagem! Isto é a grande preocupação de um primeiro-ministro?

- Um homem nunca pode receber ajuda do que não conhece – respondeu Confúcio. - Se ele não entender a Natureza, não compreenderá Deus. Da mesma maneira, se não sabe quem está do seu lado, não terá amigos. Sem amigos, não pode estabelecer um plano.

“Sem um plano, não consegue dirigir ninguém. Sem direção, o país mergulha no escuro, e nem os dançarinos sabem decidir com que pé devem dar o próximo passo.

"Então, uma providência aparentemente banal – saber o nome de quem vai estar do seu lado – pode fazer uma diferença gigantesca. O mal do nosso tempo é que todo mundo quer consertar tudo de uma vez só, e ninguém se lembra de que precisa de muita gente para fazer isso."

A cidade e o exército

Conta a lenda que, indo em direção a Poitiers com seu exército, Joana D'Arc encontrou – no meio da estrada – um menino brincando com terra e galhos secos.

- O que você está fazendo? – perguntou Joana D'Arc.

- Não vê? – respondeu o menino. – Isto é uma cidade.

- Ótimo - disse ela. – Agora, por favor, saia do meio da estrada, que eu preciso passar com meus homens.

O menino levantou-se, irritado, e colocou-se diante dela.

- Uma cidade não se move. Um exército pode destruí-la, mas ela não sai do lugar.

Sorrindo com a determinação do garoto, Joana D'Arc ordenou que seu exército saísse da estrada e contornasse a “construção”.

Não é um exemplo

O rabino Elimelekh havia feito uma bela pregação, e agora voltava para sua terra natal. Para homenageá-lo e mostrar gratidão, os fiéis resolveram seguir a carruagem de Elimelekh até que ela saísse da cidade.

Em dado momento, o rabino parou a carruagem, pediu que o cocheiro seguisse adiante sem ele, e passou a acompanhar o povo.

- Belo exemplo de humildade - disse um dos homens ao seu lado.

- Não existe qualquer humildade no meu gesto, mas um pouco de inteligência - respondeu Elimelekh. - Vocês aqui fora estão fazendo exercício, cantando, bebendo vinho, confraternizando uns com os outros, arranjando novos amigos, tudo por causa de um velho rabino que veio falar sobre a arte da vida. Então, deixemos minhas teorias seguirem

naquela carruagem, porque eu quero participar da ação.

Rezando por todos

Um lavrador com a esposa doente, encomendou uma série de preces a um sacerdote budista. O sacerdote começou a rezar, pedindo que Deus curasse todos os enfermos.

- Um momento" - interrompeu o lavrador.

- Eu pedi para que rezasse por minha esposa, e o senhor pede por todos os doentes.

- Estou rezando por ela.

- Mas pede por todos. Pode terminar beneficiando o meu vizinho, que está doente também. E eu não gosto dele!

- Você não entende nada de curas - disse o monge, afastando-se. - Ao rezar por todos, estou unindo minhas preces às de milhões de pessoas que se encontram agora pedindo por seus doentes. Somadas, estas vozes chegam até Deus e beneficiam a todos. Divididas, elas

perdem sua força, e não chegam a lugar nenhum.

Saadi de Shiraz e a oração

Saadi de Shiraz contava a seguinte história:

“ Quando eu era criança, costumava rezar com meu pai, meus tios e primos. Todas as noites nos reuníamos para escutar um trecho do Corão.

"Numa destas noites, enquanto meu tio lia uma passagem, reparei que a maior parte das pessoas dormia. Então comentei com papai: '*nenhum destes dorminhocos e' capaz de ficar atento às palavras do profeta. Jamais chegarão ate' Deus!*'"

"E meu pai respondeu: '*meu filho querido, procura seu caminho com fé, e deixa cada um cuidar de si. Quem sabe, em seus sonhos, eles estão conversando com Deus. Eu preferia mil vezes que você estivesse dormindo como eles, a ter que escutar este seu julgamento duro, e esta sua condenação.*'"

O pai desolado

O rabino Abraão vivera uma vida exemplar. Quando morreu, foi direto para o Paraíso, e os anjos deram-lhe boas-vindas com cânticos de louvor.

Mesmo assim, Abraão permanecia distante e aflito, mantendo a cabeça entre as mãos, e recusando-se a ser consolado. Finalmente, foi levado diante do Todo-Poderoso, e escutou uma voz, com infinita ternura, perguntar-lhe:

- Meu adorado servo, que amargura carregas em teu peito?

- Sou indigno das homenagens que estou recebendo – respondeu o rabino. – Embora eu fosse considerado um exemplo para o meu povo, devo ter feito algo de muito errado. Meu único filho, a quem dediquei o melhor de meus ensinamentos, tornou-se cristão!

- Não se preocupe com isso – disse a voz do Todo-Poderoso. – Eu também tive um único Filho, e ele fez a mesma coisa!

A mãe desolada

Conta Roberto Shiniashiky que uma mãe judia tentou educar seu filho da maneira mais tradicional possível. O rapaz, porém, tinha uma personalidade forte, e fazia apenas seguiu aquilo que o coração lhe indicava.

Quando morreu, assim como o rabino Abraão da história acima, ela foi direto para o céu - já que tinha sido um exemplo de dedicação na Terra. Ali chegando, contou às outras mães sua agonia com o filho - e descobriu que nenhuma delas estava satisfeita com os caminhos que seus descendentes haviam seguido.

Depois de dias de conversa - onde lamentavam não terem sido fortes o suficiente para controlar a família - o grupo viu Nossa Senhora passando.

- Aquela ali conseguiu educar seu filho! – disse uma das mães.

Imediatamente, todas se dirigiram até Nossa Senhora, e elogiaram a carreira de Jesus.

- Ele foi um sábio – disseram. – Cumpriu tudo que tinha lhe sido destinado, andou no caminho da verdade, não se desviou um só minuto, e até hoje é motivo de orgulho para sua família!

- Vocês têm toda razão – respondeu Nossa Senhora. – Mas, para falar a verdade, meu sonho era que ele fosse médico...

Onde Deus Reside

O grande rabino Yitzhak Meir, quando ainda estudava as tradições de seu povo, escutou um de seus amigos dizer, em tom de brincadeira:

- Eu lhe dou uma moeda se você conseguir me dizer onde Deus mora.

- E eu lhe darei duas moedas, se você me disser onde Deus não mora – respondeu Meir.

O momento da aurora

Um rabino reuniu seus alunos, e perguntou:

- Como é que sabemos o exato momento em que a noite acaba e o dia começa?

- Quando, a distância, somos capazes de distinguir uma ovelha de um cachorro - disse um menino.

O rabino não ficou contente com a resposta.

- Na verdade - disse outro aluno - sabemos que já é dia quando podemos distinguir, à distância, uma oliveira de uma figueira.

- Não é uma boa definição.

- Qual a resposta, então? - perguntaram os garotos.

E o rabino disse:

- Quando um estrangeiro se aproxima, e nós o confundimos com o nosso irmão, este é o

momento em que a noite acabou e o dia começa.

Chove adiante

Lutar contra certas coisas que só passam com o tempo é desperdiçar sua energia. Uma curtíssima história chinesa ilustra bem isso:

No meio do campo, começou a chover. As pessoas corriam em busca de abrigo, exceto um homem, que continuava a andar lentamente.

- Por que você não está correndo? - perguntou alguém.

- Porque também está chovendo na minha frente - foi a resposta.

Nasrudin sempre escolhe errado

Todos os dias Nasrudin ia esmolar na feira, e as pessoas adoravam vê-lo fazendo o papel de tolo, com o seguinte truque: mostravam duas moedas, uma valendo dez vezes mais que a outra. Nasrudin sempre escolhia a menor.

A história correu pelo condado. Dia após dia, grupos de homens e mulheres mostravam as duas moedas, e Nasrudin sempre ficava com a menor.

Até que apareceu um senhor generoso, cansado de ver Nasrudin sendo ridicularizado daquela maneira. Chamando-o num canto da praça, disse:

- Sempre que lhe oferecerem duas moedas, escolha a maior. Assim terá mais dinheiro, e não será considerado idiota pelos outros.

- O senhor parece ter razão - respondeu Nasrudin. - Mas se eu escolher a moeda maior, as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro, para provar que sou mais idiota que elas. O senhor não sabe quanto dinheiro já ganhei, usando este truque.

“Não ha' nada de errado em se passar por tolo, se na verdade o que você está fazendo é inteligente”.

O que mais se preocupava

O autor Leo Buscaglia foi certa vez convidado a ser jurado de um concurso numa escola, cujo tema era: “a criança que mais se preocupa com os outros”.

O vencedor foi um menino cujo vizinho – um senhor de mais de oitenta anos – acabara de ficar viúvo. Ao notar o velhinho no seu quintal,, em lágrimas, garoto pulou a cerca, sentou-se no seu colo, e ali ficou por muito tempo.

Quando voltou para sua casa, a mãe lhe perguntou o que dissera ao pobre homem.

- Nada – disse o menino. – Ele tinha perdido a sua mulher, e isso deve ter doído muito. Eu fui apenas ajudá-lo a chorar.

A resposta

Certa vez um homem interrogou o rabino Joshua ben Karechah:

- Por que Deus escolheu um espinhal para falar com Moisés?

O rabino respondeu:

- Se ele tivesse escolhido uma oliveira ou uma amoreira, você teria feito a mesma pergunta. Mas não posso deixá-lo sem uma resposta: por isso digo que Deus escolheu um mísero e pequeno espinhal para ensinar que não há nenhum lugar na terra onde Ele não esteja presente.

A janela e o espelho

Um jovem muito rico foi ter com um rabi, e lhe pediu um conselho para orientar a vida. Este o conduziu até a janela e perguntou-lhe:

- O que vês através dos vidros?

- Vejo homens que vão e vêm, e um cego pedindo esmolas na rua.

Então o rabi mostrou-lhe um grande espelho e novamente o interrogou:

- Olha neste espelho e dize-me agora o que vês.

- Vejo-me a mim mesmo.

- E já não vês os outros! Repara que a janela e o espelho são ambos feitos da mesma matéria prima, o vidro; mas no espelho, porque há uma fina camada de prata colada a vidro, não vês nele mais do que a tua pessoa. Deves comparar-te a estas duas espécies de vidro. Pobre, vias os outros e tinhas compaixão por

eles. Coberto de prata – rico – vês apenas a ti mesmo. Só valerás alguma coisa, quando tiveres coragem de arrancar o revestimento de prata que tapa os olhos, para poderes de novo ver e amar aos outros.

Um homem deitado no chão

No dia 1 de julho, as 13:05 hs., havia um homem de aproximadamente cinqüenta anos, deitado no calçadão de Copacabana. Eu passei por ele, lancei um rápido olhar, e continuei meu caminho em direção a uma barraca onde sempre costumo beber água de côco.

Como carioca, já cruzei, centenas (milhares?) de vezes por homens, mulheres ou crianças deitadas no chão. Como alguém que costuma viajar, já vi a mesma cena em praticamente todos os países onde estive – da rica Suécia à miserável Romênia. Vi pessoas deitadas no chão em todas as estações do ano: no inverno cortante de Madrid, Nova York ou Paris, onde ficam perto do ar quente que sai das estações de metrô. No sol escaldante do Líbano,

entre os edifícios destruídos por anos de guerra. Pessoas deitadas no chão – bêbadas, desabrigadas, cansadas – não constituem novidade na vida de ninguém.

Tomei minha água de côco. Precisava voltar rápido, pois tinha uma entrevista com Juan Arias, do jornal espanhol *El País*. No meu caminho de volta, vi que o homem continuava ali, debaixo do sol – e todos que passavam agiam exatamente como eu: olhavam, e seguiam adiante.

Acontece que - embora eu não soubesse disso - minha alma já estava cansada de ver esta mesma cena, tantas vezes. Quando tornei a passar por aquele homem, algo mais forte do que me fez ajoelhar, e tentar levantá-lo.

Ele não reagia. Eu virei sua cabeça, e havia sangue perto de sua têmpora. E agora? Era um ferimento sério? Limpei sua pele com a minha camiseta: não parecia nada grave.

Neste momento, o homem começou a murmurar qualquer coisa como *“pede para eles*

não me baterem.” Bem, ele estava vivo; agora eu precisava tirá-lo do sol, e chamar a polícia.

Eu parei o primeiro homem que passou, e pedi que me ajudasse a arrastá-lo até a sombra entre o calçadão e a areia. Ele estava de terno, pasta, embrulhos, , mas deixou tudo de lado e veio me ajudar – sua alma também já devia estar cansada de ver aquela cena.

Uma vez colocado o homem na sombra, fui andando em direção à minha casa – sabia que havia uma cabine de PM, e poderia pedir ajuda ali. Mas antes de chegar até lá, cruzei com dois soldados.

- Tem um homem machucado, diante do numero tal – disse. – Coloquei-o na areia. Seria bom mandar uma ambulância.

Os policiais disseram que iam tomar providências. Pronto, eu havia cumprido meu dever. Escoteiro, sempre alerta. A boa ação do dia! O problema agora estava em outras mãos, elas que se responsabilizassem. E o jornalista espanhol estaria chegando em minha casa em alguns minutos.

Não tinha dado dez passos, e um estrangeiro me interrompeu. Falou em português confuso:

- Eu já tinha avisado a polícia sobre o homem na calçada. Eles disseram que, desde que não seja um ladrão, não é problema deles.

Eu não deixei que o homem terminasse de falar. Voltei até os guardas, convencido de que sabiam quem eu era, que escrevia em jornais, aparecia em televisão. Voltei com a falsa impressão de que o sucesso, em alguns momentos, ajuda a resolver muitas coisas.

- O senhor é alguma autoridade? – perguntou um deles, notando que eu pedia ajuda de maneira mais incisiva.

Não tinham idéia de quem eu fosse.

- Não. Mas nós vamos a resolver este problema agora.

Eu estava mal vestido, camiseta manchada com o sangue do homem, bermudas cortadas de uma antiga calça jeans, suado. Eu era um homem comum, anônimo, sem qualquer autoridade além do meu cansaço de ver gente

deitada no chão, durante dezenas de anos de minha vida, sem jamais ter feito absolutamente nada.

E isso mudou tudo. Tem um momento, que você está além de qualquer bloqueio ou medo. Tem um momento em que seus olhos ficam diferentes, e as pessoas entendem que você está falando sério. Os guardas foram comigo, e chamaram a ambulância.

Na volta para casa, recordei as três lições daquela caminhada. a] todo mundo pode parar uma ação quando ela ainda é puro romantismo. b] sempre há alguém para dizer: “agora que começaste, vá até o final.”

E finalmente: c] todo mundo é autoridade, quando está absolutamente convencido do que faz.

Nhá Chica de Baependi

O que é um milagre?

Existem definições de todos os tipos: algo que vai contra as leis da natureza, intercessões em momentos de crise profunda, coisas cientificamente impossíveis, etc.

Eu tenho minha própria definição: milagre é aquilo que enche o nosso coração de paz. As vezes se manifesta sob s forma de uma cura, de um desejo atendido, não importa – o resultado é que, quando o milagre acontece, sentimos uma profunda reverência pela graça que Deus nos concedeu.

Há vinte e tantos anos atrás, quando eu vivia meu período hippie, minha irmã me convidou para ser padrinho de sua primeira filha. Adorei o convite, fiquei contente que ela não me pediu para que cortasse os cabelos (naquela época, chegavam até a cintura), nem

me exigiu um presente caro para a afilhada (eu não teria como comprar).

A filha nasceu, o primeiro ano se passou, e o batizado não acontecia nunca. Achei que minha irmã tinha mudado de idéia, fui perguntar o que havia acontecido, e ela respondeu: “você continua padrinho. Acontece que eu fiz uma promessa para Nhá Chica, e quero batizá-la em Baependi, porque ela me concedeu uma graça”.

Não sabia onde era Baependi, e jamais tinha escutado falar de Nhá Chica. O período hippie passou, eu me tornei executivo de gravadora, minha irmã teve uma outra filha, e nada de batizado. Finalmente, em 1978, a decisão foi tomada, e as duas famílias – dela e de seu ex-marido – foram à Baependi. Ali eu descobri que a tal Nhá Chica, que não tinha dinheiro nem para seu próprio sustento, havia passado 30 anos construindo uma igreja e ajudando os pobres.

Eu vinha de um período muito turbulento em minha vida, e já não acreditava mais em Deus. Ou melhor dizendo, já não achava que

procurar o mundo espiritual tinha muita importância: o que contava eram as coisas deste mundo, e os resultados que pudesse conseguir. Tinha abandonado meus sonhos loucos da juventude – entre os quais, ser escritor – e não pretendia voltar a ter ilusões. Estava ali naquela igreja para apenas cumprir um dever social; enquanto esperava a hora do batizado, comecei a passear pelos arredores, e terminei entrando na humilde casa de Nhá Chica, ao lado da igreja. Dois cômodos, e um pequeno altar, com algumas imagens de santos, e um vaso com duas rosas vermelhas e uma branca.

Num impulso, diferente de tudo o que eu pensava na época, fiz um pedido: *se, algum dia, eu conseguir ser o escritor que queria ser e já não quero mais, voltarei aqui quando tiver 50 anos, e trarei duas rosas vermelhas e uma branca.*

Apenas para me lembrar do batizado, comprei um retrato de Nhá Chica. Na volta para o Rio, o desastre: um ônibus pára subitamente na minha frente, eu desvio o carro numa fração de segundo, o meu cunhado

também consegue desviar, o carro que vem atrás choca-se, há uma explosão, vários mortos. Estacionamos na beira da estrada, sem saber o que fazer. Eu procuro no bolso um cigarro, e vem o retrato de Nhá Chica. Silencioso em sua mensagem de proteção.

Ali começava minha jornada de volta aos sonhos, à busca espiritual, à literatura, e um dia eu me vi de novo no Bom Combate, aquele que você trava com o coração cheio de paz, porque é resultado de um milagre. Nunca me esqueci das três rosas. Finalmente, os cinquenta anos - que naquela época pareciam tão distantes - terminaram chegando.

E quase passam. Durante a Copa do Mundo, fui a Baependi pagar minha promessa. Alguém me viu chegando em Caxambú (onde pernoitei), e um jornalista veio me entrevistar. Quando eu contei o que estava fazendo ali, ele pediu:

- Fale sobre Nhá Chica. O corpo dela foi exumado esta semana, e o processo de

beatificação está no Vaticano. As pessoas precisam dar seu testemunho.

- Não – disse eu. – É uma história muito íntima. Só falaria se recebesse um sinal.

E pensei comigo mesmo: “ O que seria um sinal? Só mesmo se alguém falasse em nome dela!”

No dia seguinte, peguei o carro, as flores, e fui a Baependi. Parei um pouco distante da igreja, lembrando executivo de gravadora que estivera ali tanto tempo antes, e as muitas coisas que tinham me conduzido de volta. Quando ia entrando na casa, uma mulher jovem saiu de uma loja de roupas:

- Vi que seu livro “Maktub” é dedicado a Nhá Chica – disse ela. – Garanto que ela ficou contente.

E não me pediu nada. Mas aquele era o sinal que eu estava esperando. E este é o depoimento público que eu precisava dar.

Utilizando os sinais

Um conhecido meu, por sua incapacidade de combinar o sonho com a realização, terminou com sérios problemas financeiros. E pior: envolveu outras pessoas, prejudicando gente que não queria ferir.

Sem poder pagar as dívidas que se acumulavam, chegou a pensar em suicídio. Caminhava por uma rua certa tarde, quando viu uma casa em ruínas. "Aquele prédio ali sou eu", pensou. Neste momento, sentiu um imenso desejo de reconstruir aquela casa.

Descobriu o dono, ofereceu-se para fazer uma reforma – e foi atendido, embora o proprietário não entendesse o que o meu amigo ia ganhar com aquilo. Juntos, conseguiram tijolos, madeira, cimento. Meu conhecido trabalhou com amor, sem saber porque ou para quem. Mas sentia que sua vida pessoal ia melhorando a medida que a reforma avançava.

No fim de um ano, a casa estava pronta. E seus problemas pessoais solucionados.

O Mahatma vai às compras

Mahatma Gandhi, depois de ter conseguido a independência da Índia, fez uma visita à Inglaterra. Passeava com algumas pessoas pelas ruas de Londres, quando sua atenção foi atraída para a vitrine de uma famosa joalheria.

E ali ficou Gandhi, olhando as pedras preciosas e as jóias ricamente trabalhadas. O dono da joalheira imediatamente o reconheceu, e foi até a rua, saudá-lo:

- Muito me honra que o Mahatma esteja aqui, contemplando o nosso trabalho. Temos muitas coisas de imenso valor, beleza, arte, e gostaríamos de oferecer-lhe algo.

- Sim, estou admirado com tanta maravilha – respondeu Gandhi. – E mais ainda surpreso comigo, pois sabendo que podia ganhar um rico

presente, ainda consigo viver e ser respeitado
sem precisar usar jóias.

Ensinando o cavalo a voar

Vamos dividir a palavra preocupação em duas: pré-ocupação. Ou seja, ocupar-se de algo antes que aconteça. Tentar resolver problemas que ainda não tiveram tempo de se manifestar. Imaginar que as coisas, quando chegam, sempre escolhem seu pior aspecto.

Há, é claro, muitas exceções. Uma delas é o herói desta pequena história:

Um velho rei da Índia condenou um homem a forca. Assim que terminou o julgamento, o condenado pediu:

- Vossa Majestade é um homem sábio, e curioso com tudo que os seus súditos conseguem fazer. Respeita os gurus, os sábios, os encantadores de serpentes, os faquires. Pois bem: quando eu era criança, meu avô me transmitiu a técnica de fazer um cavalo branco

voar. Não existe mais ninguém neste reino que saiba isto, de modo que minha vida deve ser poupada.

O rei imediatamente mandou trazer um cavalo branco.

- Preciso ficar dois anos com este animal – disse o condenado.

- você terá mais dois anos – respondeu o rei, a esta altura meio desconfiado. – Mas e este cavalo não aprender a voar, será enforcado.

O homem saiu dali com o cavalo, feliz da vida. Ao chegar em casa, encontrou toda a sua família em prantos.

- você está louco? – gritavam todos – Desde quando alguém desta casa sabe como fazer um cavalo voar?

- Não se preocupem – respondeu ele. – Primeiro, nunca alguém tentou ensinar um cavalo a voar, e pode ser que ele aprenda. Segundo, o rei está muito velho, e pode morrer neste dois anos. Terceiro, o animal também pode morrer, e eu conseguirei mais dois anos para treinar um novo cavalo. Isso sem contar a

possibilidade de revoluções, golpes de estado, anistias gerais.

“Finalmente, se tudo continuar como está, eu ganhei dois anos de vida, onde posso fazer tudo o que tenho vontade: vocês acham pouco?”

Como manter o inferno cheio

Conta uma lenda tradicional que, no momento em que o Filho de Deus expirou na cruz, foi diretamente ao inferno salvar os pecadores.

O diabo ficou muito triste.

- Não tenho mais função neste universo - disse Satanás. - A partir de agora, todos aqueles que eram marginais, que transgrediram os preceitos, cometeram adultérios, infringiram as leis religiosas, todos estes serão enviados diretamente ao Paraíso!

Jesus olhou para ele e sorriu:

- Não se lamente – disse para o pobre diabo – Virão para cá todos aqueles que, por se julgarem cheios de virtudes, vivem condenando os que não seguem minha palavra. Espere

algumas centenas de anos, e verás que o inferno
estará mais cheio do que antes!

O mosteiro pode acabar

O mosteiro atravessava tempos difíceis: por causa da nova moda, que afirmava que Deus era apenas superstição, os jovens já não queriam mais ser noviços. Uns foram estudar sociologia, outros passaram a ler tratados de materialismo histórico, mas – pouco a pouco – a pequena comunidade que restou foi se dando conta que seria necessário fechar o convento.

Os antigos monges foram morrendo. Quando o último deles estava pronto para entregar sua alma ao Senhor, chamou ao seu leito de morte um dos poucos noviços que restavam.

- Tive uma revelação – disse. – Este mosteiro foi escolhido para algo muito importante.

- Que pena – respondeu o noviço. – Porque só restam cinco rapazes, e não podemos

dar conta de todas as tarefas, quanto mais de uma coisa importante...

- É uma pena mesmo. Porque, aqui no meu leito de morte, um anjo apareceu, e eu entendi que um de vocês cinco estava destinado a tornar-se um santo.

Disse isto, e expirou.

Durante o enterro, os rapazes olhavam-se entre si, espantados. Quem teria sido o escolhido: aquele que mais ajudava os habitantes da aldeia? O que costumava rezar com uma devoção especial? Ou o que pregava com tal entusiasmo, que os outros sentiam-se à beira das lágrimas?

Compenetrados pela presença de um santo entre eles, os noviços resolveram adiar um pouco a extinção do convento, e passaram a trabalhar duro, pregar com entusiasmo, reformar as paredes caídas, praticar a caridade e o amor.

Certo dia, um rapaz apareceu na porta do convento: estava impressionado com o trabalho dos cinco rapazes, e queria ajudá-los. Não

demorou uma semana, outro jovem fez o mesmo. Aos poucos, o exemplo dos noviços correu a região.

- Os olhos deles brilham – dizia um filho ao seu pai, pedindo para entrar para o mosteiro.

- Eles fazem as coisas com amor – comentava um pai com seu filho. – Vê como o mosteiro está mais belo do que nunca?

Dez anos depois, já havia mais de oitenta noviços. Nunca se soube se o comentário do velho monge era verdadeiro, ou se ele tinha encontrado uma fórmula para fazer com que o entusiasmo devolvesse ao mosteiro a sua dignidade perdida.

Da importância da oração

Um homem recebeu, certa vez, a visita de alguns amigos.

- Gostaríamos muito que nos ensinasse aquilo que aprendeste todos estes anos – disse um deles.

- Estou velho – respondeu o homem.

- Velho e sábio – disse outro. – Afinal de contas, sempre te vimos rezando durante todo este tempo. O que conversas com Deus? Quais são as coisas importantes que devemos pedir?

O homem sorriu.

- No começo, eu tinha o fervor da juventude, que acredita no impossível. Então, eu me ajoelhava diante de Deus e pedia para que me desse forças para mudar a humanidade.

“Aos poucos, vi que era uma tarefa além das minhas forças. Então comecei a pedir a Deus que me ajudasse a mudar o que estava à minha volta.

- Neste caso, podemos garantir que parte de seu desejo foi atendido – disse um dos amigos. – Seu exemplo serviu para ajudar muita gente.

- Ajudei muita gente com meu exemplo; mesmo assim, sabia que não era a oração perfeita. Só agora, no final de minha vida, é que entendi o pedido que devia ter feito desde o início.

- E qual é este pedido?

- Que eu fosse capaz de mudar a mim mesmo.

A oração que eu esqueci

Andando pelas ruas de São Paulo, recebi de um amigo - Edinho - um panfleto chamado “Instante Sagrado.” Impresso a quatro cores, em excelente papel, ele não identificava nenhuma igreja ou o culto, apenas trazia uma oração no seu verso.

Qual foi minha surpresa ao ver que quem assinava esta oração era – EU! Ela havia sido publicada no início da década de 80, na contracapa de um livro de poesia. Não pensei que resistisse ao tempo, nem que pudesse retornar as minhas mãos de maneira tão misteriosa; mas, quando a reli, não me envergonhei do que havia escrito.

Já que estava naquele panfleto, e já que acredito em sinais, achei oportuno reproduzi-la aqui. Espero estimular cada leitor a escrever sua própria prece, pedindo para si e para os outros

aquilo que julga mais importante. Desta maneira, colocamos uma vibração positiva em nosso coração, e ela há de contagiar tudo que nos cerca.

Eis a oração:

Senhor, proteja as nossas dúvidas, porque a Dúvida é uma maneira de rezar. É ela que nos fazem crescer, porquê nos obriga a olhar sem medo para as muitas respostas de uma mesma pergunta. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja as nossas decisões, porque a Decisão é uma maneira de rezar. Dai-nos coragem para, depois da dúvida, sermos capazes de escolher entre um caminho e o outro. Que o nosso SIM seja sempre um SIM, e o nosso NÃO seja sempre um NÃO. Que uma vez escolhido o caminho, jamais olhemos para trás, nem deixemos que nossa alma seja roída pelo remorso. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja as nossas ações, porque a Ação é uma maneira de rezar. Fazei com que o pão nosso de cada dia seja fruto do melhor que levamos dentro de nós mesmos. Que possamos, através do trabalho e da Ação,

compartilhar um pouco do amor que recebemos. E para que isto seja possível,

Senhor proteja os nossos sonhos, porque o Sonho é uma maneira de rezar. Faça com que, independente de nossa idade ou de nossa circunstância, sejamos capazes de manter acesa no coração a chama sagrada da esperança e da perseverança. E para que isto seja possível,

Senhor, dai-nos sempre entusiasmo, porque o Entusiasmo é uma maneira de rezar. É ele que nos liga aos Céus e a Terra, aos homens e as crianças, e nos diz que o desejo é importante, e merece o nosso esforço. É ele que nos afirma que tudo é possível, desde que estejamos totalmente comprometidos com o que fazermos. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja-nos, porque a Vida é a única maneira que temos para manifestar o Teu milagre. Que a terra continue transformando a semente em trigo, que nós continuemos transmutando o trigo em pão. E isto só é possível se tivermos Amor – portanto, nunca nos deixe em solidão. Dai-nos sempre a tua companhia, e a companhia de homens e mulheres que tem dúvidas, agem,

sonham, se entusiasмам, e vivem como se cada dia fosse totalmente dedicado a Tua gloria.

Amem.

O elefante e a corda

Eis o procedimento adotado pelos treinadores de circo, para que os elefantes jamais se rebelem – e eu desconfio que isso também se passa com muita gente.

Ainda criança, o bebê-elefante é amarrado, com uma corda muito grossa, a uma estaca firmemente cravada no chão. Ele tenta soltar-se várias vezes, mas não tem forças suficientes para tal.

Depois de um ano, a estaca e a corda ainda são suficientes para manter o pequeno elefante preso; ele continua tentando soltar-se, sem conseguir. A esta altura, o animal passa a entender que a corda sempre será mais forte que ele, e desiste de suas iniciativas.

Quando chega a idade adulta, o elefante ainda se lembra que, por muito tempo, gastou energia toa, tentando sair do seu cativeiro. A

esta altura, o treinador pode amarrá-lo com um pequeno fio, num cabo de vassoura, que ele não tentará mais a liberdade.

A mãe girafa faz o filho sofrer

O parto da girafa é feito com ela em pé, de modo que a primeira coisa que acontece com o recém-nascido é uma queda de aproximadamente dois metros.

Ainda tonto, o animal tenta firmar-se nas quatro patas, mas a mãe tem um comportamento estranho: ela dá um leve chute, e a girafinha cai de novo ao solo. Tenta levantar-se, e é de novo derrubada.

O processo se repete várias vezes, até que o recém-nascido, exausto, já não consegue mais ficar de pé. Neste momento, a mãe novamente o instiga com a pata, forçando a levantar-se. E já não o derruba mais.

A explicação é simples: para sobreviver aos animais predadores, a primeira lição que a girafa

deve aprender é levantar-se rápido. A aparente crueldade da mãe encontra total apoio em um provérbio árabe: “as vezes, para ensinar algo bom, é preciso ser um pouco rude”.

A carpa aprende a crescer

A carpa japonesa (koi) tem a capacidade natural de crescer de acordo com o tamanho do seu ambiente. Assim, num pequeno tanque, ela geralmente não passa de cinco ou sete centímetros - mas pode atingir três vezes este tamanho, se colocada num lago.

Da mesma maneira, as pessoas têm a tendência de crescer de acordo com o ambiente que as cerca. Só que, neste caso, não estamos falando de características físicas, mas de desenvolvimento emocional, espiritual, e intelectual.

Enquanto a carpa é obrigada, para seu próprio bem, a aceitar os limites do seu mundo, nós estamos livres para estabelecer as fronteiras de nossos sonhos. Se somos um peixe maior do

que o tanque em que fomos criados, ao invés de nos adaptarmos a ele, devíamos buscar o oceano – mesmo que a adaptação inicial seja desconfortável e dolorosa.

Afastando fantasmas

Durante anos, Hitoshi tentou – inutilmente – despertar o amor daquela que acreditava ser a mulher de sua vida. Mas o destino é irônico: no mesmo dia que ela finalmente o aceitou como futuro marido, também descobriu que estava com uma doença incurável, e não deveria viver por muito tempo.

Seis meses depois, já a beira da morte, ela pediu:

- Você vai me prometer uma coisa: jamais se apaixonará de novo. Se fizer isso, voltarei todas as noites para assombrá-lo.

E fechou os olhos para sempre. Durante muitos meses, Hitoshi evitou aproximar-se de outras mulheres, mas o destino continuou irônico, e ele descobriu um novo amor. Quando preparava para casar-se, o fantasma da ex-amada cumpriu sua promessa, e apareceu.

- Você está me traindo – disse.

- Durante anos eu lhe entreguei o meu coração, e você não me correspondia – respondeu Hitoshi. – Não acha que mereço uma segunda chance de ser feliz?

Mas o fantasma da ex-amada não quis saber de desculpas e, todas as noites, vinha assustá-lo. Contava em detalhes o que tinha acontecido durante o dia, que palavras de amor ele dissera a sua noiva, quantos beijos e abraços haviam trocado.

Hitoshi já não podia mais dormir, e foi procurar o mestre zen Bashô.

- É um fantasma muito esperto – disse Bashô.

- Ela sabe tudo, nos menores detalhes! E já está levando o meu noivado ao fim, porque não consigo dormir, e, nos momentos de intimidade com minha amada, fico constrangido.

- Vamos afastar este fantasma – garantiu Bashô.

Naquela noite, quando o fantasma retornou, Hitoshi interrompeu-o antes que dissesse a primeira frase.

- Você é um fantasma tão sábio, que vamos fazer um trato. Como você me vigia todo tempo, vou perguntar algo que fiz hoje; se acertar, eu largo minha noiva e nunca mais terei mulher alguma. Se errar, você promete não tornar a aparecer, sob pena de ser condenada pelos deuses a vagar para sempre na escuridão.

- De acordo – respondeu o fantasma, confiante.

- Esta tarde, eu estava na mercearia, e, em determinado momento, peguei um punhado de grãos de trigo de dentro de um saco.

- Eu vi - disse o fantasma.

- A pergunta é a seguinte: quantos grãos de trigo eu segurei?

O fantasma, na mesma hora, entendeu que não conseguiria jamais responder à pergunta. Para evitar ser perseguido pelos deuses na escuridão eterna, resolveu desaparecer para sempre.

Dois dias depois, Hitoshi foi até a casa do mestre zen.

- Vim agradece-lo.

- Aproveite para aprender as lições que fazem parte desta sua experiência – respondeu Bashô.

“Em primeiro lugar, aquele espírito voltava sempre porque você tinha medo. Se quiser afastar uma maldição, não lhe dê nenhuma importância.

“ Segundo: o fantasma tirava proveito de sua sensação de culpa: quando nos sentimos culpados, sempre desejamos – inconscientemente – o castigo.

“ E finalmente: ninguém que realmente o amasse iria obrigá-lo a fazer este tipo de promessa. Se você quer entender o amor, aprenda a liberdade.”

A pintura dos dois anjos

No ano de 1476, dois homens conversam no interior de uma igreja medieval. Param por alguns minutos diante de um quadro que mostra dois anjos, de mãos dadas, descendo em direção a uma cidade.

- Estamos vivendo o terror da peste bubônica - comenta um deles. - Pessoas estão morrendo, não quero ver imagens de anjos.

- Esta pintura e' sobre a Peste - diz o outro. - É uma representação da Lenda Áurea. O anjo vestido de vermelho e' Lúcifer, o Maligno. Repara como ele tem, preso ao cinto, um pequeno saco: ali dentro está a epidemia que tem devastado nossas vidas e as vidas de nossas famílias.

O homem olha a pintura com cuidado. Realmente, Lúcifer carrega uma pequena sacola;

entretanto, o anjo que o conduz tem uma aparência serena, pacífica, iluminada.

- Se Lúcifer traz a Peste, quem é este outro que o leva pela mão?

- Este é o anjo do Senhor, o mensageiro do Bem. Sem sua permissão, o Mal jamais poderia se manifestar.

- O que está fazendo, então?

- Mostrando o local onde os homens devem ser purificados por uma tragédia.

O fato

Edmund Hillary foi o primeiro homem a subir o Everest, a montanha mais alta do mundo. Seu feito coincidiu com a coroação da Rainha Elizabeth, a quem dedicou a conquista, e de quem recebeu o título de “Sir”.

Um ano antes, Hillary já havia tentado a escalada, e fracassara por completo. Mesmo assim, os ingleses reconheceram seu esforço, e o convidaram a falar para uma numerosa platéia.

Hillary começou a descrever suas dificuldades, e, apesar dos aplausos, dizia sentir-se frustrado e incapaz. Em dado momento, porém, largou o microfone, aproximou-se da enorme gravura que ilustrava seu percurso, e gritou:

- Monte Everest, você me venceu esta primeira vez. Mas eu irei vencê-lo no próximo ano, por uma razão muito simples: você já

chegou ao máximo de sua altura, enquanto eu ainda estou crescendo!

A mulher perfeita

Nasrudin conversava com um amigo.

- Então, mullah, nunca pensaste em casamento?

- Já pensei - respondeu Nasrudin. - Em minha juventude, resolvi conhecer a mulher perfeita. Atravessei o deserto, cheguei em Damasco, e conheci uma mulher espiritualizada e linda; mas ela não sabia nada nas coisas do mundo.

“Continuei a viagem, e fui a Isfahan; lá encontrei uma mulher que conhecia o reino da matéria e do espírito, mas não era bonita. Então resolvi ir até o Cairo, onde jantei na casa de uma moça bonita, religiosa, e conhecedora da realidade material.

- E por que não casaste com ela?

- Ah, meu companheiro! Infelizmente ela também procurava um homem perfeito.

O pato e a gata

- Como o senhor entrou na vida espiritual? - perguntou um dos discípulos ao mestre sufi Shams Tabrizi.

- Minha mãe dizia que eu não era bastante louco para ser internado num hospício, nem bastante santo para entrar num mosteiro - respondeu Tabrizi. - Então resolvi dedicar-me ao sufismo, onde aprendemos através da meditação livre.

- E como explicou isso a sua mãe?

- Com a seguinte fábula: alguém colocou um patinho para que uma gata tomasse conta. Ele seguia sua mãe adotiva por toda parte – até que, um dia, os dois foram parar diante de um lago. Imediatamente, o patinho entrou na água, enquanto a gata gritava da margem: “ Saia daí! você vai morrer afogado!”

"E o patinho respondeu: “ não, mamãe, descobri o que me faz bem, e sei que estou no meu ambiente. Vou continuar aqui, mesmo que a senhora não saiba o que significa um lago."

O peixe que salvou uma vida

Nasrudin passa diante de uma gruta, vê um yogue meditando, e pergunta o que ele estava buscando.

- Contemplo os animais, e aprendi deles muitas lições que podem transformar a vida de um homem - diz o yogue.

- Pois um peixe já salvou minha vida - responde Nasrudin. – Se você me ensinar tudo o que sabe, eu lhe conto como foi.

O yogue espanta-se: só um santo pode ter a vida salva por um peixe. E resolve ensinar tudo que sabe.

Quando termina, diz a Nasrudin:

- Agora que ensinei tudo, ficaria orgulhoso em saber como um peixe salvou sua vida.

- É simples - responde Nasrudin. - Eu estava quase morrendo de fome quando o pesquei, e graças a ele pude sobreviver três dias.

O desejo deve ser forte

O mestre levou o discípulo para perto de um lago.

- Hoje vou ensiná-lo que significa a verdadeira devoção – disse.

Pedi ao discípulo que entrasse com ele no lago, e segurando a cabeça do rapaz, colocou-a debaixo d'água.

O primeiro minuto passou. No meio do segundo minuto, o rapaz já se debatia com todas as forças para livrar-se da mão do mestre, e poder voltar a superfície.

No final do segundo minuto o mestre soltou-o. O rapaz, com o coração disparado, levantou-se, ofegante.

- O Sr. quis matar-me! – gritava.

O mestre esperou que ele se acalmasse, e disse:

- Não desejei matá-lo – porque se desejasse, você não estaria mais aqui. Queria apenas saber o que sentiu, enquanto estava debaixo d’água.

- Eu me senti morrendo! Tudo que desejava na vida era respirar um pouco de ar!

- É exatamente isso. A verdadeira devoção só aparece quando só temos um desejo, e morreremos se não conseguirmos realizá-lo.

O caminho que leva ao céu

Quando perguntaram ao abade Antonio se o caminho do sacrifício levava ao céu, este respondeu:

- Existem dois caminhos de sacrifício. O primeiro é o do homem que mortifica a carne, faz penitência, porque acha que estamos condenados. Este homem sente-se culpado, e julga-se indigno de viver feliz. Neste caso, ele não chega a lugar nenhum, porque Deus não habita a culpa.

" O segundo é o do homem que, embora sabendo que o mundo não é perfeito como todos queríamos, reza, faz penitência, oferece seu tempo e seu trabalho para melhorar o ambiente ao seu redor. Então ele entende que a palavra *sacrifício* vem de *sacro ofício*. Neste caso, a Presença Divina o ajuda o tempo todo, e ele consegue resultados no Céu".

A virtude que ofende

O abade Pastor passeava com um monge de Sceta, quando foram convidados para comer. O dono da casa, honrado pela presença dos padres, mandou servir o que havia de melhor.

Entretanto, o monge estava no período de jejum; quando a comida chegou, pegou uma ervilha, e mastigou-a lentamente. E nada mais comeu.

Na saída, o abade Pastor conversou com ele:

- Irmão, quando for visitar alguém, não torne a sua santidade uma ofensa. Da próxima vez que estiver em jejum, não aceite convites para jantar.

O monge entendeu o que o abade Pastor dizia. A partir daí, sempre que estava com outras pessoas, se comportava como elas.

O problema e a culpa

Um dos monges de Sceta disse ao abade Mateus:

- Minha língua vive me causando problemas. Quando estou no meio dos fiéis, não consigo me controlar - e termino condenando suas ações erradas.

O velho abade respondeu ao irmão aflito:

- Se você acha que não é capaz de controlar-se, largue o ensino e retorne ao deserto. Mas não se iluda: escolher a solidão para fugir de um problema, é sempre uma prova de fraqueza.

- O que devo fazer?

- Admita alguns erros, para evitar a pernicioso sensação de superioridade. E acerte em tudo que puder acertar.

A maneira de agradar ao Senhor

Certo noviço procurou o abade Macário, e pediu conselhos sobre a melhor maneira de agradar ao Senhor.

- Vá até o cemitério e insulte os mortos - disse Macário.

O irmão fez o que foi ordenado. No dia seguinte, voltou a Macário.

- Eles responderam? – perguntou o abade

O noviço disse que não.

- Então vá até lá, e elogie-os.

O noviço obedeceu. Naquela mesma tarde, voltou até o abade, que de novo quis saber se os mortos haviam respondido.

- Não – disse o noviço.

- Para agradar ao Senhor, comporte-se da mesma maneira – comentou Macário. - Não

conte nem com o desprezo dos homens, nem com seus louvores; desta maneira, você pode construir o seu próprio caminho.

Mogo quer melhorar sempre

Há muitos anos, vivia na China um jovem chamado Mogo, que ganhava o seu sustento quebrando pedras. Embora são e forte, o rapaz não estava contente com seu destino, e queixava-se noite e dia. Tanto blasfemou contra Deus, que seu anjo da guarda terminou aparecendo.

- você tem saúde, e uma vida pela frente – disse o anjo. – Todos os jovens começam fazendo algo como você. Por vive reclamando?

- Deus foi injusto comigo, e não me deu oportunidade de crescer – respondeu Mogo.

Preocupado, o anjo foi à presença do Senhor, pedindo ajuda para que seu protegido não terminasse perdendo sua alma.

- Seja feita a tua vontade – disse o Senhor.
– Tudo que Mogo quiser, lhe será concedido.

No dia seguinte, Mogo quebrava pedras quando viu passar uma carruagem levando um nobre, coberto de jóias. Passando as mãos pelo rosto suarento e sujo, Mogo disse com amargura:

- Por que não posso eu ser nobre também?
Este é o meu destino!

- Sê-lo-ás! - murmurou seu anjo, com imensa alegria.

E Mogo transformou-se no dono de um palácio suntuoso, muitas terras, cercado de servidores e cavalos. Costumava sair todos os dias com seu impressionante cortejo, e gostava de ver seus antigos companheiros alinhados à beira da rua, olhando-o com respeito.

Numa destas tardes, o calor estava insuportável; mesmo debaixo de seu guarda-sol dourado, Mogo transpirava como no tempo em que lascava pedras. Deu-se então conta de que não era tão importante assim: acima dele havia príncipes, imperadores, e ainda mais alto que

estes estava o sol, que não obedecia a ninguém – pois era o verdadeiro rei.

- Ah, anjo meu! Por que não posso ser o sol? Este deve ser meu destino! - lamentou-se Mogo.

- Pois sê-lo-ás! - exclamou o anjo, escondendo sua tristeza diante de tanta ambição.

E Mogo foi sol, como era seu desejo.

Enquanto brilhava no céu, admirado com seu gigantesco poder de amadurecer as colheitas, ou queimá-las a seu bel-prazer, um ponto negro começou a avançar ao seu encontro. A mancha escura foi crescendo – e Mogo reparou que era uma nuvem, estendendo-se a sua volta, e fazendo com que não mais pudesse ver a Terra.

- Anjo! - gritou Mogo - A nuvem é mais forte do que o sol! Meu destino é ser nuvem!

- Sê-lo-ás! - respondeu o anjo.

Mogo foi transformado em nuvem, e achou que havia realizado o seu sonho.

- Sou poderoso! - gritava, escurecendo o sol.

- Sou invencível! - trovejava, perseguindo as ondas.

Mas, na costa deserta do oceano erguia-se uma imensa rocha de granito, tão velha como o mundo. Mogo achou que a rocha o desafiava, e desencadeou uma tempestade que o mundo nunca antes vira. As ondas, enormes e furiosas, golpeavam a rocha, tentando arrancá-la do solo e atirá-la no fundo do mar.

Mas, firme e impassível, a rocha continuava no seu lugar.

- Anjo! - soluçava Mogo - a rocha é mais forte que a nuvem! Meu destino é ser uma rocha!

E Mogo transformou-se na rocha.

- Quem poderá vencer-me agora? - perguntava a si mesmo. - Sou o mais poderoso do mundo!

E assim se passaram vários anos, até que, certa manhã, Mogo sentiu uma lancetada aguda em suas entranhas de pedra, seguida de uma dor

profunda, como se uma parte de seu corpo de granito estivesse sendo dilacerada. Logo ouviu golpes surdos, insistentes, e novamente a dor gigantesca.

Louco de espanto gritou:

- Anjo, alguém está querendo me matar! Ele tem mais poder que eu, eu quero ser como ele!

- E sê-lo-ás! - exclamou o anjo, chorando.

E foi assim que Mogo voltou a lascar pedras.

(história enviada por Shirlei Massapust)

É melhor o confronto

Vai ser a minha participação mais importante no Festival de Escritores em Melbourne, Austrália. São dez da manhã, a platéia está lotada. Serei entrevistado por um escritor local, John Felton.

Piso no palco com a apreensão de sempre. Felton me apresenta, e começa a me fazer perguntas. Antes que eu possa terminar um raciocínio, ele me interrompe e faz uma nova pergunta. Quando respondo, comenta algo como “esta resposta não foi bem clara”. Cinco minutos depois, nota-se um mal-estar na platéia - todos estão percebendo que há algo errado. Lembro-me de Confúcio, e faço a única coisa possível:

- você gosta do que eu escrevo? –pergunto.
- Isso não vem ao caso – responde. – Sou eu a entrevista-lo, e não o contrário.

- Vem ao caso, sim. você não me deixa concluir uma idéia. Confúcio disse: “sempre que possível, seja claro.” Vamos seguir este conselho e deixar as coisas claras: você gosta do que escrevo?

- Não, não gosto. Só li dois livros, e detestei.

- OK, então podemos continuar.

Os campos agora estavam definidos. A platéia relaxa, o ambiente enche-se de eletricidade, a entrevista vira um verdadeiro debate, e todos – inclusive Felton – ficam satisfeitos com o resultado.

Kerry Lee e o escritor

Uma vez terminada uma conferencia em Brisbane, Australia, saio do auditório para assinar as cópias dos livros. Como está um lindo entardecer, os organizadores colocaram a mesa de autógrafos do lado de fora do prédio da biblioteca.

As pessoas se aproximam, conversam, e - mesmo tão distante de casa - eu não me sinto um estrangeiro: meus livros chegaram antes de mim, mostraram minhas emoções e sentimentos.

De repente, uma garota de 22 anos se aproxima, fura a fila de autógrafos, e me encara:

- Cheguei atrasada para a palestra – disse. – Mas gostaria de lhe dizer algumas coisas importantes.

- Vai ser impossível – respondo. – Devo ficar assinando livros por mais uma hora, depois tenho um jantar.

- Não vai ser impossível – responde. – Meu nome é Kerry Lee Olditch. O que tenho a dizer posso fazê-lo aqui e agora, enquanto você autografa.

E antes que eu possa reagir, tira de sua mochila um violino, e começa a tocar.

Eu continuo autografando por mais uma hora, ao som da música de Kerry Lee. As pessoas não vão embora – ficam assistindo aquele concerto inesperado, contemplando o por do sol, entendendo o que ela precisava me dizer, e que estava sendo dito.

Quando termino, ela para de tocar. Não há aplausos, nada, - apenas um silêncio quase palpável.

- Obrigado – eu digo.

- Tudo nesta vida é questão de dividir almas – responde Kerry Lee.

E assim como chegou, vai embora.

O aprendiz de caçador

O velho caçador de raposas – considerado o melhor da região – resolveu finalmente se aposentar. Juntou seus pertences e resolveu partir em direção ao sul do país, onde o clima era mais ameno.

Entretanto, antes que terminasse de empacotar suas coisas, recebeu a visita de um jovem.

- Quero aprender suas técnicas – disse o recém-chegado. – Em troca, compro a sua loja, a sua licença de caçador, e ainda pagarei por todos os segredos que o senhor conhece.

O velho concordou: assinaram o contrato, e ensinou ao rapaz todos os segredos da caça à raposa. Com o dinheiro recebido, comprou uma bela casa no sul, onde passou o inverno inteiro sem precisar preocupar-se em juntar lenha para calefação, já que o clima era muito agradável.

Na primavera, sentiu saudades de sua aldeia, e resolveu voltar para ver os seus amigos.

Lá chegando, cruzou no meio da rua com o jovem que, alguns meses antes, resolvera pagar uma fortuna por seus segredos.

- E então? – perguntou. – Como foi a temporada de caça?

- Não consegui pegar uma só raposa.

O velho ficou surpreso e confuso:

- Mas você seguiu meus conselhos?

Com os olhos fixos no chão, o rapaz respondeu:

- Bem, na verdade não segui. Achei que seus métodos estavam ultrapassados e terminei descobrindo – por mim mesmo – uma melhor maneira de caçar raposas.

Não esqueça de guardar a caixa

O velho trabalhou a vida inteira. Ao aposentar-se, comprou uma fazenda - para que seu filho a administrasse - e resolveu passar o resto de seus dias na varanda da casa principal.

O filho trabalhou durante três anos. Então começou a ficar com raiva.

- Meu pai não faz nada – comentava com seus amigos. – Passa sua vida olhando o jardim, e me deixa trabalhar como um escravo, para que eu possa alimentá-lo.

Um dia, resolveu acabar com a situação injusta. Construiu uma grande caixa de madeira, foi até a varanda, e disse:

- Papai, por favor, entre aí.

O pai obedeceu. O filho colocou a caixa em seu caminhão, e foi até a beira de um

precipício. Quando se preparava para jogá-la lá embaixo, escutou a voz do pai:

- Meu filho, pode atirar-me do despenhadeiro, mas guarde a caixa. Você está dando o exemplo, e seus filhos, na certa, vão precisar usá-la com você.

O melro toma a decisão

Um velho melro encontrou um miolo de pão, e saiu voando com ele. Ao ver isso, os pássaros mais jovens correram para atacá-lo.

Diante do combate iminente, o melro largou o miolo de pão na boca de uma serpente, pensando consigo mesmo:

“Quando se está velho, a gente vê a vida de outra maneira: perdi meu alimento, é verdade, mas posso encontrar outro miolo de pão amanhã.

“Entretanto, se insistisse em carregá-lo comigo, eu iria deflagrar uma guerra no céu; o vencedor passaria a ser invejado, os outros se armariam para combatê-lo, o ódio encheria o coração dos pássaros, e tal situação podia durar por muito tempo.

“A sabedoria da velhice é essa: saber trocar as vitórias imediatas pelas conquistas duradouras”.

A importância do gato na meditação

Um grande mestre zen budista, responsável pelo mosteiro de Mayu Kagi, tinha um gato, que era sua verdadeira paixão na vida. Assim, durante as aulas de meditação, mantinha o gato ao seu lado – para desfrutar o mais possível de sua companhia.

Certa manhã, o mestre – que já estava bastante velho – apareceu morto. O discípulo mais graduado ocupou seu lugar.

- O que vamos fazer com o gato? – perguntaram os outros monges.

Numa homenagem à lembrança de seu antigo instrutor, o novo mestre decidiu permitir que o gato continuasse freqüentando as aulas de zen-budismo.

Alguns discípulos de mosteiros vizinhos, que viajavam muito pela região, descobriram que, num dos mais afamados templos do local, um gato participava das meditações. A história começou a correr.

Muitos anos se passaram. O gato morreu, mas os alunos do mosteiro estavam tão acostumados com a sua presença, que arranjam outro gato. Enquanto isso, os outros templos começaram a introduzir gatos em suas meditações: acreditavam que o gato era o verdadeiro responsável pela fama e a qualidade do ensino de Mayu Kagi, e esqueciam-se que o antigo mestre era um excelente instrutor

Uma geração se passou, e começaram a surgir tratados técnicos sobre a importância do gato na meditação zen. Um professor universitário desenvolveu uma tese – aceita pela comunidade acadêmica – que o felino tinha capacidade de aumentar a concentração humana, e eliminar as energias negativas.

E assim, durante um século, o gato foi considerado como parte essencial no estudo do zen-budismo naquela região.

Até que apareceu um mestre que tinha alergia à pelos de animais domésticos, e resolveu tirar o gato de suas práticas diárias com os alunos.

Houve uma grande reação negativa – mas o mestre insistiu. Como era um excelente instrutor, os alunos continuavam com o mesmo rendimento escolar, apesar da ausência do gato.

Pouco a pouco, os mosteiros – sempre em busca de idéias novas, e já cansados de ter que alimentar tantos gatos – foram eliminando os animais das aulas. Em vinte anos, começaram a surgir novas teses revolucionárias – com títulos convincentes como “A importância da meditação sem o gato”, ou “Equilibrando o universo zen apenas pelo poder da mente, sem a ajuda de animais”.

Mais um século se passou, e o gato saiu por completo do ritual de meditação zen naquela região. Mas foram precisos duzentos anos para

que tudo voltasse ao normal – já que ninguém se perguntou, durante todo este tempo, por que o gato estava ali.

Um escritor, que depois de séculos tomou conhecimento desta história, deixou registrado no seu diário:

E quantos de nós, em nossas vidas, ousa perguntar: por que tenho que agir desta maneira? Até que ponto, naquilo que fazemos, estamos usando “gatos” inúteis, que não temos coragem de eliminar, porque nos disseram que os “gatos” eram importantes para que tudo funcionasse bem?

O discípulo impaciente

Após uma exaustiva sessão matinal de orações no monastério de Piedra, o noviço perguntou ao abade:

- Todas estas orações que o senhor nos ensina, fazem com que Deus se aproxime de nós?

- Vou respondê-lo com outra pergunta – disse o abade. – Todas estas orações que você reza irão fazer o sol nascer amanhã?

- Claro que não! O sol nasce porque obedece a uma lei universal!

- Então, esta é a resposta à sua pergunta. Deus está perto de nós, independente das preces que fazemos.

O noviço revoltou-se:

- O senhor que dizer que nossas orações são inúteis?

- Absolutamente. Se você não acorda cedo, nunca conseguirá ver o sol nascendo. Se você não reza, embora Deus esteja sempre perto, você nunca conseguirá notar Sua presença.

Eu quero encontrar Deus

O homem chegou exausto no mosteiro:

- Venho procurando Deus há muito tempo – disse. – Talvez o senhor me ensine a maneira correta de encontrá-Lo.

- Entre e veja nosso convento – disse o padre, pegando-o pelas mãos e levando-o até a capela. – Aqui estão as mais belas obras de arte do século XVI, que retratam a vida do Senhor, e a Sua glória junto aos homens.

O homem aguardou, enquanto o padre explicava cada uma das belas pinturas e esculturas que adornavam a capela. No final, repetiu a pergunta:

- Muito bonito tudo o que vi. Mas eu gostaria de aprender a maneira mais correta de encontrar Deus.

- Deus! – respondeu o padre. – você disse muito bem: Deus!

E levou o homem até o refeitório, onde estava sendo preparado o jantar dos monges.

- Olhe a sua volta: daqui a pouco será servido o jantar, e você está convidado para comer conosco. Poderá ouvir a leitura das Escrituras, enquanto sacia sua fome.

- Não tenho fome, e já li todas as escrituras – insistiu o homem. – Quero aprender. Vim até aqui para encontrar Deus.

O padre de novo pegou o estranho pelas mãos, e começaram a caminhar pelo claustro, que circundava um belo jardim.

- Peço aos meus monges para manterem a grama sempre cortada, e que tirem as folhas secas da água da fonte que você vê ali no meio. Penso que este é o mosteiro mais limpo de toda a região.

O estranho caminhou um pouco com o padre, depois pediu licença, dizendo que precisava ir embora.

- você não vai ficar para jantar? perguntou o padre.

Enquanto montava no seu cavalo, o estranho comentou:

- Parabéns por sua bela igreja, pelo refeitório acolhedor, pelo pátio impecavelmente limpo. Entretanto, eu viajei muitas léguas apenas para aprender a encontrar Deus, e não para deslumbrar-me com eficiência, conforto, e disciplina.

Um trovão caiu do céu, o cavalo relinchou forte, e a terra foi sacudida. De repente, o estranho tirou seu disfarce, e padre viu que estava diante de Jesus.

- Deus está onde O deixam entrar – disse Jesus. – Mas vocês fecharam a porta deste mosteiro para ele, usando regras, orgulho, riqueza, ostentação. Da próxima vez que um estranho se aproximar pedindo para encontrar Deus, não mostre o que vocês conseguiram em nome Dele: escute a pergunta, e tente respondê-la com amor, caridade, e simplicidade.

Dizendo isso, desapareceu.

O lago e Narciso

Quase todo mundo conhece a história original (grega) sobre Narciso: um belo rapaz que, todos os dias, ia contemplar seu rosto num lago. Era tão fascinado por si mesmo que, certa manhã, quando procurava admirar-se mais de perto, caiu na água e terminou morrendo afogado. No lugar onde caiu, nasceu uma flor, que passamos a chamar de narciso.

O escritor Oscar Wilde, porém, tem uma maneira diferente de terminar esta história.

Ele diz que, quando Narciso morreu, vieram as Oréiades – deusas do bosque – e viram que a água doce do lago havia se transformado em lágrimas salgadas.

- Por que você chora? – perguntaram as Oréiades.

- Choro por Narciso.

- Ah, não nos espanta que você chore por Narciso – continuaram elas. – Afinal de contas, apenas de todas nós sempre correremos atrás dele pelo bosque, você era o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza.

- mas Narciso era belo? – quis saber o lago.

- Quem melhor do que você poderia saber? – responderam, surpresas, as Oréiades. – Afinal de contas, era em suas margens que ele se debruçava todos os dias.

O lago ficou algum tempo quieto. Por fim, disse:

- Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que Narciso era belo.

“Choro por ele porque, todas as vezes que ele se deitava sobre minhas margens, eu podia ver, no fundo dos seus olhos, a minha própria beleza refletida”.

O jogral de Nossa Senhora

Conta uma lenda medieval que, com o Menino Jesus nos braços, Nossa Senhora resolver descer a Terra e visitar um mosteiro.

Orgulhosos, todos os padres fizeram uma grande fila, e cada um postava-se diante da Vigem, procurando homenagear a mãe e o filho. Um declamou belos poemas, outros mostrou suas iluminuras para a bíblia, um terceiro disse o nome de todos os santos. E assim por diante, monge após monge mostrou seu talento e sua dedicação aos dois.

No último lugar da fila havia um padre, o mais humilde do convento, que nunca havia aprendido os sábios textos da época. Seus pais eram pessoas simples, que trabalhavam num velho circo das redondezas, e tudo que lhe

havam ensinado era atirar bolas para cima e fazer alguns malabarismos.

Quando chegou sua vez, os outros padres quiseram encerrar as homenagens, porque o antigo malabarista não tinha nada de importante para dizer, e podia desmoralizar a imagem do convento. Entretanto, no fundo do seu coração, também ele sentia uma imensa necessidade de dar alguma coisa de si para Jesus e a Virgem.

Envergonhado, sentindo o olhar reprovador dos seus irmãos, ele tirou algumas laranjas do bolso e começou a jogá-las para cima, fazendo malabarismos – que era a única coisa que sabia fazer.

Foi só neste instante que o Menino Jesus sorriu, e começou a bater palmas no colo de Nossa Senhora. E foi para ele que a Virgem estendeu os braços, deixando que segurasse um pouco a criança.

Excesso de renúncia

Conheci a pintora Miie Tamaki durante um seminário sobre Energia Feminina. Perguntei qual a sua religião.

- Não tenho mais religião - ela respondeu.

Notando, a minha surpresa, explicou:

- Foi educada para ser budista. Os monges me ensinaram que o caminho espiritual é uma constante renúncia: temos que superar nossa inveja, nosso ódio, nossas angústias de fé, nossos desejos.

“Consegui me livrar de tudo isto, até que um dia meu coração ficou vazio: os pecados tinham ido embora, e minha natureza humana também.

“No início fiquei contente, mas percebi que já não compartilhava das alegrias e paixões das pessoas à minha volta. Foi então que larguei a religião: hoje tenho meus conflitos, meus

momentos de raiva e de desespero, mas sei que estou de novo perto dos homens - e conseqüentemente perto de Deus".

Entendendo as teias de aranha

Quando eu me encontrava fazendo o caminho de Roma, um dos quatro caminhos sagrados de minha tradição mágica, me dei conta - depois de quase vinte dias praticamente sozinho - que estava muito pior do que quando havia começado. Com a solidão, comecei a ter sentimentos mesquinhos, amargos, ignóbeis.

Procurei a guia do caminho, e comentei o fato. Disse que, ao iniciar aquela peregrinação, achei que ia me aproximar de Deus: entretanto, depois de três semanas, estava me sentindo muito pior.

- você está melhor, não se preocupe - disse ela. - Na verdade, quando acendemos a luz interior, a primeira coisa que vemos são as

teias de aranha e a poeira, nossos pontos fracos. Já estavam ali, só que você não estava vendo nada, porque estava escuro. Agora ficou mais fácil limpar sua alma.

Como temperar o aço

Lynell Waterman conta a história do ferreiro que, depois de uma juventude cheia de excessos, decidiu entregar sua alma a Deus. Durante muitos anos trabalhou com afinco, praticou a caridade, mas – apesar de toda a sua dedicação, nada parecia dar certo em sua vida.

Muito pelo contrário: seus problemas e dívidas acumulavam-se cada vez mais.

Uma bela tarde, um amigo que o visitava – e que se compadecia de sua situação difícil – comentou:

- É realmente muito estranho que, justamente depois que você resolveu se tornar um homem temente a Deus, sua vida começou a piorar. Eu não desejo enfraquecer sua fé, mas, apesar de toda a sua crença no mundo espiritual, nada tem melhorado.

O ferreiro não respondeu imediatamente: ele já havia pensado nisso muitas vezes, sem entender o que acontecia em sua vida.

Entretanto, como não queria deixar o amigo sem resposta, começou a falar – e terminou encontrando a explicação que procurava. Eis o que disse o ferreiro:

- Eu recebo nesta oficina o aço ainda não trabalhado, e preciso transformá-lo em espadas. você sabe como isso é feito?

“Primeiro, eu aqueço a chapa de aço num calor infernal, até que ela fique vermelha. Em seguida, sem qualquer piedade, eu pego o martelo mais pesado, e aplico vários golpes, até que a peça adquira a forma desejada.

“Logo ela é mergulhada num balde de água fria, e a oficina inteira se enche com o barulho do vapor, enquanto a peça estala e grita por causa da súbita mudança de temperatura.

“Tenho que repetir este processo até conseguir a espada perfeita: uma vez apenas não é suficiente.”

O ferreiro deu uma longa pausa, acendeu um cigarro, e continuou:

- Às vezes, o aço que chega as minhas mãos não consegue agüentar este tratamento. O calor, as marteladas, e a água fria terminam por enchê-lo de rachaduras. E eu sei que jamais se transformará numa boa lâmina de espada.

“Então, eu simplesmente o coloco no monte de ferro-velho que você viu na entrada da minha ferraria.”

Mais uma pausa, e o ferreiro concluiu:

- Sei que Deus esta me colocando no fogo das aflições. Tenho aceito as marteladas que a vida me dá, e às vezes sinto-me tão frio e insensível como a água que faz sofrer o aço. Mas a única coisa que peço é: “Meu Deus, não desista, até que eu consiga tomar a forma que o Senhor espera de mim. Tente da maneira que achar melhor, pelo tempo que quiser – mas jamais me coloque no monte de ferro-velho das almas”.

Satã vende objetos usados

Como precisa adaptar-se aos novos tempos, Satã resolveu fazer uma liquidação de grande parte de seu estoque de tentações. Colocou anúncio no jornal, e atendeu os fregueses, em sua oficina, durante todo o dia.

Era um estoque fantástico: pedras para virtuosos tropeçarem, espelhos que aumentavam a própria importância, óculos que diminuíaam a importância dos outros. Pendurados na parede, alguns objetos chamavam muita atenção: um punhal de lâmina curva, para ser usado nas costas de alguém, e gravadores que só registravam fofocas e mentiras.

- Não se preocupem com o preço! – gritava o velho Satã aos fregueses em potencial. – Levem hoje, paguem quando puder!

Um dos visitantes notou, jogado num canto, duas ferramentas que pareciam muito usadas, e que pouco chamavam a atenção. Entretanto, eram caríssimas. Curioso, quis saber a razão daquela aparente discrepância.

- Elas estão gastas porque são as que eu mais uso – respondeu Satã, rindo. – Se chamassem muito a atenção, as pessoas saberiam como se proteger.

“No entanto, ambas valem o preço que estou pedindo: uma é a Dúvida, a outra é o Complexo de Inferioridade. Todas outras tentações sempre podem falhar, mas estas duas sempre funcionam. “

É preciso manter o diálogo

A esposa do rabino Iaakov era considerada por todos os seus amigos como uma mulher muito difícil; por qualquer pretexto iniciava uma discussão.

Iaakov, porém, nunca respondia as provocações.

Até que, no casamento de seu filho Ishmael, quando centenas de convidados comemoravam alegremente, o rabino começou a ofender sua mulher – mas de tal maneira, que todos na festa puderam perceber.

- O que aconteceu? – perguntou um amigo de Iaakov, quando os ânimos serenaram. – Por que abandonou seu costume de jamais responder às provocações?

- Veja como ela está mais contente –

sussurrou o rabino.

De fato, a mulher agora parecia estar se divertindo com a festa.

- vocês brigaram em público! Não entendo nem sua reação, nem a dela ! – insistiu o amigo.

- Faz alguns dias, entendi que o que mais perturbava minha mulher era o fato de eu ficar em silêncio. Agindo assim, eu parecia ignorá-la, distanciar-me com sentimentos virtuosos. e fazê-la sentir mesquinha e inferior.

“ Já que a amo tanto, resolvi fingir perder a cabeça na frente de todo mundo. Ela viu que eu compreendia suas emoções, que era igual a ela, e que ainda quero manter o diálogo”

O macaco e a macaca discutem

Sentados num galho de árvore, o macaco e a macaca contemplavam o por do sol. Em determinado momento, ela perguntou:

- O que faz com que o céu mude de cor, na hora que o sol atinge o horizonte?

- Se quisermos explicar tudo, deixamos de viver – respondeu o macaco. – Fique quieta, vamos deixar o nosso coração alegre com este entardecer romântico.

A macaca enfureceu-se

- você é primitivo e supersticioso. Já não dá mais atenção à lógica, e só quer saber é de aproveitar a vida.

Neste momento, passava uma centopéia.

- Centopéia! – gritou o macaco. – Como é que você faz para mover tantas patas em

perfeita harmonia?

- Nunca pensei nisso! – foi a resposta.

- Então pense! Minha mulher gostaria de uma explicação!

A centopéia olhou para suas patas, e começou:

- Bem.. eu flexiono este músculo...não, não é bem isso, eu tenho que jogar o meu corpo por aqui...

Durante meia-hora, tentou explicar como movia suas patas, e, à medida que tentava, ia confundindo-se cada vez mais. Quanto quis continuar seu caminho, já não podia mais andar.

- Está vendo o que você fez? - gritou desesperada – Na ânsia de descobrir como funciono, perdi os movimentos!

- Está vendo o que acontece com quem deseja explicar tudo? – disse o macaco, voltando a assistir o por-do sol em silencio.

A verdadeira importância

Jean passeava com seu avô por uma praça de Paris. A determinada altura, viu um sapateiro sendo destrutado por um cliente, cujo calçado apresentava um defeito. O sapateiro escutou calmamente a reclamação, pediu desculpas, e prometeu refazer o erro.

Pararam para tomar um café num *bistrô*. Na mesa ao lado, o garçom pediu a um homem que movesse um pouco a cadeira, para abrir espaço. O homem irrompeu numa torrente de reclamações, e negou-se.

- Nunca esqueça o que viu - disse o avô para Jean. - O sapateiro aceitou uma reclamação, enquanto este homem a nosso lado não quis mover-se. Os homens úteis, que fazem algo útil, não se incomodam de serem tratados como inúteis. Mas os inúteis sempre se julgam importantes, e escondem toda a sua incompetência atrás da autoridade.

O presente de insultos

Perto de Tóquio vivia um grande samurai, já idoso, que agora se dedicava a ensinar o zen budismo aos jovens. Apesar de sua idade, corria a lenda de que ainda era capaz de derrotar qualquer adversário.

Certa tarde, um guerreiro – conhecido por sua total falta de escrúpulos – apareceu por ali. Era famoso por utilizar a técnica da provocação: esperava que seu adversário fizesse o primeiro movimento e, dotado de uma inteligência privilegiada para reparar os erros cometidos, contra-atacava com velocidade fulminante.

O jovem e impaciente guerreiro jamais havia perdido uma luta. Conhecendo a reputação do samurai, estava ali para derrotá-lo, e aumentar sua fama.

Todos os estudantes se manifestaram contra a idéia, mas o velho aceitou o desafio.

Foram todos para a praça da cidade, e o jovem começou a insultar o velho mestre. Chutou algumas pedras em sua direção, cuspiu em seu rosto, gritou todos os insultos conhecidos – ofendendo inclusive seus ancestrais. Durante horas fez tudo para provocá-lo, mas o velho permaneceu impassível. No final da tarde, sentindo-se já exausto e humilhado, o impetuoso guerreiro retirou-se.

Desapontados pelo fato de que o mestre aceitara tantos insultos e provocações, os alunos perguntaram:

- Como o senhor pode suportar tanta indignidade? Por que não usou sua espada, mesmo sabendo que podia perder a luta, ao invés de mostrar-se covarde diante de todos nós?

- Se alguém chega até você com um presente, e você não o aceita, a quem pertence o presente? – perguntou o samurai.

- A quem tentou entregá-lo – respondeu um dos discípulos.

- O mesmo vale para a inveja, a raiva, e os insultos – disse o mestre. – Quando não são aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava consigo.

Onde está o guarda-chuva

Ao cabo de dez anos de aprendizagem, Zenno achava que já podia ser elevado à categoria de mestre zen. Em um dia chuvoso, foi visitar o famoso professor Nan-in.

Ao entrar na casa de Nan-in, este perguntou:

- você deixou o seu guarda-chuva e os seus sapatos do lado de fora?

- Evidente – respondeu Zenno. – É o que manda a boa educação. Eu agiria assim maneira em qualquer lugar.

- Então me diga: você colocou o guarda-chuva do lado direito ou do lado esquerdo dos seus sapatos?

- Não tenho a menor idéia, mestre.

- O zen budismo é a arte da consciência total do que fazemos – disse Nan-in. – A falta de atenção nos pequenos detalhes pode destruir por completo a vida de um homem. Um pai que sai correndo de casa, nunca pode esquecer um punhal ao alcance do seu filho pequeno. Um samurai que não olha todos os dias a sua espada, terminará encontrando-a enferrujada quando mais precisar dela. Um jovem que esquece de dar flores a sua amada, vai acabar por perdê-la.

E Zenno compreendeu que, embora conhecesse bem as técnicas zen do mundo espiritual, havia se esquecido de aplicá-las no mundo dos homens.

A lembrança e o sal

Chego em Madrid às 8 da manhã. Vou ficar apenas algumas horas, não adianta telefonar para amigos, marcar algum encontro. Resolvo caminhar sozinho por lugares que gosto, e termino fumando um cigarro num banco do parque Retiro.

- você parece que não está aqui - diz um velho, sentando-se ao meu lado.

- Estou aqui – respondo. – Só que há doze anos atrás, em 1986. Sentado neste mesmo banco com um amigo pintor, Anastasio Ranchal. Nós dois estamos olhando minha mulher, Christina, que bebeu além da conta, e está fingindo que dança flamengo.

- Aproveite - diz o velho. – Mas não esqueça que a lembrança é como o sal: a quantidade certa dá tempero a comida, mas o

exagero estraga o alimento. Quem vive muito no passado, acaba sem presente para recordar.

O que você salvaria

Um jornalista foi entrevistar Jean Cocteau. Sua casa era um verdadeiro amontoado de bibelôs, quadros, desenhos de artistas famosos, livros, Cocteau guardava tudo, e tinha um profundo amor por cada uma daquelas coisas. Foi então que, no meio da entrevista, eu resolvi perguntar: “se esta casa começasse a pegar fogo agora, e você só pudesse levar uma coisa consigo, o que escolheria?”

- E o que Cocteau respondeu? – pergunta Álvaro Teixeira, responsável pelo castelo onde estamos, e grande estudioso da vida do artista francês.

- Cocteau respondeu: “Eu levaria o fogo”.

E ali ficamos todos, em silêncio, aplaudindo no íntimo do coração a resposta tão brilhante.

Meu amigo escreve uma história

Um amigo meu, Bruno Saint-Cast, trabalha na implantação de alta tecnologia na Europa. Certa noite, acordou de madrugada e não conseguiu mais dormir; sentia-se forçado a escrever uma carta sobre um velho amigo de adolescência, que havia encontrado no Tahiti.

Mesmo sabendo que teria que passar o dia seguinte trabalhando, Bruno começou a escrever uma história estranha, onde o tal amigo, John Salmon, fazia uma longa viagem da Patagônia até a Austrália. Enquanto escrevia, sentia uma sensação de liberdade muito grande, como se a inspiração brotasse sem qualquer interferência.

Assim que acabou de escrever a história, recebeu um telefonema de sua mãe: ela acabava de saber que John Salmon havia morrido.

O rabino e o perdão

A história é atribuída ao grande rabino Bal Shen Tov. Conta-se que ele estava no topo de uma colina, com um grupo de estudantes, quando viu um grupo de cossacos atacarem a cidade e começarem a massacrar as pessoas.

Vendo muitos de seus amigos, lá embaixo, morrendo e pedindo misericórdia, o rabino exclamou:

- Ah, se eu pudesse ser Deus!

Um discípulo, chocado, virou-se para ele:

- Mestre, como ousa proferir uma blasfêmia destas? Quer dizer que, se o senhor fosse Deus, ia agir de maneira diferente? Quer dizer que o senhor acha que Deus muitas vezes faz o que é errado?

O rabino olhou nos olhos do discípulo, e disse:

- Deus sempre está certo. Mas se eu pudesse ser Deus, eu saberia entender o que está acontecendo.

A lei e as frutas

No deserto, as frutas eram raras. Deus chamou um dos seus profetas, e disse:

- Cada pessoa só pode comer uma fruta por dia."

O costume foi obedecido por gerações, e a ecologia do local foi preservada. Como as frutas restantes davam sementes, outras árvores surgiram. Em breve, toda aquela região transformou-se num solo fértil, invejado pelas outras cidades.

O povo, porém, continuava comendo uma fruta por dia – fiel à recomendação que um antigo profeta tinha passado aos seus ancestrais. Além do mais, não deixava que os habitantes das outras aldeias se aproveitassem da farta colheita que acontecia todos os anos.

O resultado era um só: as frutas apodreciam no chão.

Deus chamou um novo profeta e disse:

- Deixe que comam as frutas que queiram.
E peça que dividam a fartura com seus vizinhos.

O profeta chegou na cidade com a nova mensagem. Mas terminou sendo apedrejado – já que o costume estava arraigado no coração e na mente de cada um dos habitantes.

Com o tempo, os jovens da aldeia começaram a questionar aquele costume bárbaro. Mas, como a tradição dos mais velhos era intocável, eles resolveram afasta-se da religião. Assim, podiam comer quantas frutas queriam, e dar o restante para os que necessitavam de alimento.

Na igreja local, só ficaram os que se achavam santos. Mas que, na verdade, eram pessoas incapazes de enxergar que o mundo se transforma, e que nós devemos nos transformar com ele.

Sem piscar os olhos

Durante uma guerra civil na Coréia, certo general avançava implacavelmente com suas tropas, tomando província atrás de província, e destruindo tudo o que encontrava a sua frente. O povo de uma cidade, ao saber que o general se aproximava – e tendo ouvido histórias de sua crueldade – fugiu para uma montanha nas cercanias.

As tropas encontraram as casas vazias. Depois de muito vasculhar, descobriram um monge Zen, que havia permanecido no local. O general mandou que ele viesse a sua presença, mas o monge não obedeceu.

Furioso, o general foi até ele:

- você não deve saber quem eu sou! – esbravejou. – Eu sou aquela capaz de perfurar o seu peito com a minha espada, sem piscar os olhos!

O mestre Zen virou-se e respondeu serenamente:

- O senhor tampouco deve saber quem eu sou. Eu sou aquele capaz de ser perfurado por uma espada, sem piscar os olhos.

Ouvindo isso, o general curvou-se, fez uma reverência, e se retirou.

É tudo uma questão de tempo

Um judeu ortodoxo aproximou-se do rabino Wolf:

- Os bares andam cheios, e as pessoas varam a madrugada divertindo-se!

O rabino nada respondeu.

- Os bares andam cheios, as pessoas passam a noite em claro jogando cartas, e o senhor não diz nada?

- É bom que os bares andem cheios – foi o comentário de Wolf. – Todo mundo, desde o principio da criação, sempre desejou servir a Deus. O problema é que nem todos sabem a melhor maneira de fazê-lo. Procure julgar o que acha pecado, como se fosse uma virtude. Estas pessoas que passam a noite em claro estão aprendendo a permanecer despertas e persistir

em algo. Quando se aperfeiçoarem nisso, tudo que terão que fazer é voltar seus olhos para Deus. E que servos excelentes eles serão!

- O senhor é muito otimista – disse o homem.

- Não se trata disso – respondeu Wolf. – Trata-se de entender que qualquer coisa que fazemos, por mais absurda que pareça, pode nos levar ao Caminho. É tudo uma questão de tempo.

A suspeita que transformou o ser humano

O folclore alemão conta a história de um homem que, ao acordar, reparou que seu machado desaparecera. Furioso, acreditando que seu vizinho o tivesse roubado, passou o resto do dia observando-o.

Viu que tinha jeito de ladrão, andava furtivamente como ladrão, sussurrava como um ladrão que deseja esconder seu roubo. Estava tão certo de sua suspeita, que resolveu entrar em casa, trocar de roupa, e ir até a delegacia dar queixa.

Assim que entrou, porém, encontrou o machado – que sua mulher havia colocado em outro lugar. O homem tornou a sair, examinou

de novo o vizinho, e viu que ele andava, falava e se comportava como qualquer pessoa honesta.

O bosque de cedros

Em 1939, o diplomata japonês Chiune Sugihara, que ocupava um posto na Lituânia durante uma das épocas mais terríveis da humanidade, salvou milhares de judeus poloneses da ameaça nazista, concedendo-lhes vistos de saída.

Seu ato de heroísmo, desafiando seu próprio governo ao longo de muitos anos, foi uma obscura nota de rodapé na história da guerra. Até que, os sobreviventes salvos por Sugihara começaram a despertar do silêncio, e resolveram a contar sua história. Logo sua coragem e grandeza estavam sendo celebradas, chamando a atenção dos meios de comunicação, e inspirando alguns autores a escrever livros que descreviam como o "Schindler japonês".

Enquanto isso, o governo israelense vinha reunindo os nomes dos salvadores, para recompensá-los pelos seus esforços. Uma das formas que o estado judeu tentava reconhecer sua dívida para com esses heróis consistia em plantar árvores em sua homenagem. Quando a bravura de Sugihara foi revelada, as autoridades israelenses planejaram, como era de costume, plantar um bosque de cerejeiras – árvore tradicional do Japão - em sua memória.

De repente, numa decisão incomum, a ordem foi revogada. Eles decidiram que, em comparação com a bravura de Sugihara, cerejeiras eram um símbolo insuficiente. Optaram, por um bosque de cedros, concluindo que o cedro era mais vigoroso e tinha conotações mais sagradas, por sido usado no Primeiro Templo.

Depois das árvores já plantadas, as autoridades descobriram, que "Sugihara" em japonês significa....bosque de cedros.

Em Buda e na Virgem Maria

O monge vietnamita Thich Nhat Hanh é um dos mais respeitados mestres de budismo no Ocidente.

Numa viagem ao Sri Lanka, encontrou seis crianças descalças. “não eram crianças de favela, e sim do campo; olhando-as, vi que formavam parte da natureza ao redor.

Ele estava sozinho na praia, e todos correram em sua direção. Como Thich Nhat Hanh não falava o idioma, limitou-se a abraçá-las, e foi retribuído.

Em dado momento, porém, lembrou-se de uma antiga prece budista: “Refugio-me no Buda”. Começou a cantá-la, e quatro das crianças fizeram o mesmo, batendo palmas, e reconhecendo um texto que talvez seus pais

lhes tivesse ensinado. Thich Nhat Hanh então fez sinal as duas crianças que permaneciam caladas. Elas sorriram, juntaram as palmas das mãos, e disseram em páli: “Refugio-me na Virgem Maria”.

O som da prece era o mesmo. Naquela praia, naquela tarde, Thich Nhat Hanh diz que encontrou uma harmonia e serenidade que raramente experimentara.

O sacerdote e o filho

Durante muitos anos, um sacerdote brâmane cuidava de uma capela. Quando precisou viajar, pediu a seu filho que se encarregasse das tarefas diárias até o seu retorno. Entre essas tarefas, o menino devia colocar a oferenda de alimento diante da Divindade, e observar se Ela comia.

O garoto dirigiu-se, animado, até o templo onde pai trabalhava. Colocou o alimento, e ficou aguardando as reações da imagem.

Durante o resto do dia ele ficou ali. E a estátua permaneceu imóvel. O menino, porém, fiel às instruções de seu pai, estava certo que a Divindade desceria do altar para receber sua oferenda.

Depois de muita espera, ele suplicou:

- Oh Senhor, vinde e comei! Já é muito tarde já não posso esperar mais.

Nada aconteceu. Ele então começou a gritar:

- Senhor, meu pai me pediu que eu estivesse aqui quando o Senhor descesse, para aceitar a oferta. Por que não o fazeis? Só comeis a oferenda das mãos de meu pai? O que eu fiz de errado?

E chorou copiosamente por muito tempo. Quando ergueu os olhos e limpou as lágrimas, levou um susto: ali estava a Divindade, alimentando-se com que lhe tinha sido oferecido.

Alegre, o menino voltou correndo para casa. Qual foi sua surpresa quando, ao chegar, um de seus parentes lhe disse:

- O serviço terminou. Onde está a comida?

- Mas o Senhor a comeu – respondeu, surpreso, o menino.

Todos ficaram assombrados:

- O que é que estás dizendo? Repete, pois não ouvimos bem.

O menino repetiu com toda naturalidade e inocência:

- O Senhor comeu tudo que lhe ofereci.

- Não é possível! – disse um tio. – Seu pai lhe disse apenas para observar se ela comia. Todos nós sabemos que este é um ato meramente simbólico. você deve ter roubado a comida.

O menino, porém, não mudou sua história, mesmo quando o ameaçaram com uma surra.

Desconfiados, os familiares foram até o templo, e encontraram a Divindade sentada, sorrindo.

- Um pescador lançou ao rio a sua rede e conseguiu uma boa pesca – disse a Divindade - Alguns peixes estavam imóveis, sem fazer nenhum esforço para saírem. Outros lutavam desesperadamente, saltando, mas sem conseguir escapar. Só uns poucos eram afortunados em sua luta e conseguiam escapar.

“ Assim como os peixes, três tipos de homens vieram aqui para me trazer oferendas: uns não quiseram conversar comigo, achando que eu não ia responder. Outros tentaram, mas desistiram logo – com medo da decepção.

Entretanto, este menino foi até o fim, e Eu, que jogo com a paciência e a perseverança dos homens, terminei por Me manifestar.

O pequeno sítio e a vaca

Um filósofo passeava por uma floresta com um discípulo, conversando sobre a importância dos encontros inesperados. Segundo o mestre, tudo que está diante de nós nos dá uma chance de aprender ou ensinar.

Neste momento, cruzavam a porteira de um sítio que, embora muito bem localizado, tinha uma aparência miserável.

- Veja este lugar – comentou o discípulo. – O senhor tem razão: acabo de aprender que muita gente está no Paraíso mas não se dá conta, e continua a viver em condições miseráveis.

- Eu disse aprender e ensinar – retrucou o mestre. – Constatar o que acontece não basta: é preciso verificar as causas, pois só entendemos o mundo quando entendemos as causas.

Bateram à porta, e foram recebidos pelos moradores: um casal e três filhos, com as roupas rasgadas e sujas.

- O senhor está no meio desta floresta, e não há qualquer comércio nas redondezas – disse o mestre para o pai de família. – Como sobrevivem aqui?

E o senhor, calmamente, respondeu:

- Meu amigo, nós temos uma vaquinha que nos dá vários litros de leite todos os dias. Uma parte desse produto nós vendemos ou trocamos na cidade vizinha por outros gêneros de alimentos; com a outra parte nós produzimos queijo, coalhada, manteiga para o nosso consumo. E assim vamos sobrevivendo.

O filósofo agradeceu a informação, contemplou o lugar por uns momentos, e foi embora. No meio do caminho, disse ao discípulo:

- Pegue a vaquinha, leve-a ao precipício ali em frente, e jogue-a lá em baixo.

- Mas ela é a única forma de sustento daquela família!

O filósofo permaneceu mudo. Sem ter outra alternativa, o rapaz fez o que lhe era pedido, e a vaca morreu na queda.

A cena ficou marcada em sua memória. Depois de muitos anos, quando já era um empresário bem sucedido, resolveu voltar ao mesmo lugar, contar tudo à família, pedir perdão, e ajudá-los financeiramente.

Qual foi sua surpresa ao ver o local transformado num belo sítio, com árvores floridas, carro na garagem, e algumas crianças brincando no jardim. Ficou desesperado, imaginando que a família humilde tivera que vender o sítio para sobreviver. Apertou o passo, e foi recebido por um caseiro muito simpático

- Para onde foi a família que vivia aqui há dez anos? – perguntou.

- Continuam donos do sítio – foi a resposta.

Espantado, ele entrou correndo na casa, e o senhor o reconheceu. Perguntou como estava o filósofo, mas o rapaz estava ansioso demais

para saber como conseguira melhorar o sítio, e ficar tão bem de vida:

Bem, nós tínhamos uma vaca, mas ela caiu no precipício e morreu – disse o senhor. – Então, para sustentar minha família, tive que plantar ervas e legumes. As plantas demoravam a crescer, e comecei a cortar madeira para venda. Ao fazer isto, tive que replantar as árvores, e necessitei comprar mudas. Ao comprar mudas, lembrei-me da roupa de meus filhos, e pensei que podia talvez cultivar algodão. Passei um ano difícil, mas quando a colheita chegou, eu já estava exportando legumes, algodão, ervas aromáticas. Nunca havia me dado conta de todo o meu potencial aqui: ainda bem que aquela vaquinha morreu!

(historia que circulou durante o ano de 1999 na Internet, autor desconhecido)

O velho que atrapalhava tudo

G. I. Gurdjeff foi uma das mais intrigantes personalidades deste século. Bastante conhecido nos círculos que estudam ocultismo, é ainda ignorado como um importante estudioso da psicologia humana.

A história a seguir passa-se quando ele, já morando em Paris, criou seu famoso Instituto para o desenvolvimento do homem.

As aulas eram sempre bem concorridas. Mas entre os alunos, havia um velho – sempre de mau humor – que não parava de criticar o que ali era ensinado. Dizia que Gurdjeff era um charlatão, seus métodos não tinham qualquer base científica, e o fato de considerar-se um “mago” nada tinha a ver com sua verdadeira condição. Os alunos sentiam-se importunados

pela presença daquele velho, mas Gurdjeff parecia não se importar.

Um belo dia, ele abandonou o grupo. Todos sentiram-se aliviados, achando que dali por diante as aulas seriam mais tranquilas e produtivas. Para surpresa dos alunos, porém, Gurdjeff foi até a casa do homem, e pediu para que voltasse a freqüentar o Instituto.

O velho recusou-se no início, e só aceitou quando lhe foi oferecido um salário para assistir as aulas.

A história logo se espalhou. Os estudantes, revoltados, queriam saber como um mestre podia recompensar alguém que não tinha aprendido coisa alguma.

- Na verdade, eu o estou pagando para que continue a dar suas aulas – foi a resposta.

- Como? – insistiram os alunos. – Tudo que ele faz vai totalmente contra aquilo que o senhor nos está ensinando!

- Exatamente – comentou Gurdjeff. – Sem ele por perto, vocês custariam muito a aprender

o que é raiva, intolerância, impaciência, falta de compaixão.

“Entretanto, com este velho servindo de exemplo vivo, mostrando que tais sentimentos tornam a vida de qualquer comunidade um inferno, o aprendizado é muito mais rápido.

“vocês me pagam para aprender a viver em harmonia, e eu contratei este homem para ajudar a ensiná-los – pelo caminho oposto”.

Como atingir a imortalidade

Ainda jovem, Beethoven resolveu escrever alguns improvisos sobre músicas de Pergolesi. Dedicou-se durante meses ao trabalho, e finalmente teve coragem de divulgá-lo.

Um crítico publicou uma página inteira num jornal alemão, atacando com ferocidade a música do compositor.

Beethoven, porém, não se abalou com os comentários. Quando seus amigos insistiram para que respondesse ao crítico, ele apenas comentou:

- O que preciso fazer é continuar meu trabalho. Se a música que componho for tão boa como penso, ela irá sobreviver ao jornalista. Se tiver a profundidade que espero que tenha,

ela irá sobreviver ao próprio jornal. Então, se este ataque feroz ao que faço for lembrado no futuro, será apenas para ser usado como exemplo da imbecilidade dos críticos.

Beethoven estava certíssimo. Mais de cem anos depois, a tal crítica foi lembrada num programa de rádio em São Paulo.

O vaso de porcelana e a rosa

Alessandra Marin conta a seguinte história : o Grande Mestre e o Guardião dividiam a administração de um mosteiro zen. Certo dia, o Guardião morreu e foi preciso substituí-lo.

O Grande Mestre reuniu todos os discípulos para escolher quem teria a honra de trabalhar diretamente ao seu lado.

- Vou apresentar um problema – disse o Grande Mestre. – E aquele que o resolver primeiro, será o novo Guardião do templo.

Terminado o seu curtíssimo discurso, colocou um banquinho no centro da sala. Em cima estava um vaso de porcelana caríssimo, com uma rosa vermelha a enfeitá-lo.

- Eis o problema – disse o Grande Mestre.

Os discípulos contemplavam, perplexos, o que viam: os desenhos sofisticados e raros da porcelana, a frescura e a elegância da flor. O que representava aquilo? O que fazer? Qual seria o enigma?

Depois de alguns minutos, um dos discípulos levantou-se, olhou o mestre e os alunos a sua volta. Depois, caminhou resolutamente até o vaso, e atirou-o no chão, destruindo-o.

- você é o novo Guardião – disse o Grande Mestre para o aluno.

Assim que ele voltou ao seu lugar, explicou:

- Eu fui bem claro: disse que vocês estavam diante de um problema. Não importa quão belo e fascinante seja, um problema tem que ser eliminado.

“Um problema é um problema; pode ser um vaso de porcelana muito raro, um lindo amor que já não faz mais sentido, um caminho que precisa ser abandonado - mas que insistimos em percorrê-lo porque nos traz conforto.

“Só existe uma maneira de lidar com um problema: atacando-o de frente. Nessas horas, não se pode ter piedade, nem ser tentado pelo lado fascinante que qualquer conflito carrega consigo”.

Caçando duas raposas

O estudante de artes marciais aproximou-se do professor:

- Gostaria muito de ser um grande lutador de aikidô – disse. – Mas penso que devia também me dedicar ao judô, de modo a conhecer muitos estilos de luta; só assim poderei ser o melhor de todos.

- Se um homem vai para o campo, e começa a correr atrás de duas raposas ao mesmo tempo, vai chegar um momento em cada uma correrá para um lado, e ele ficará indeciso sobre qual deve continuar perseguindo. Enquanto decide, ambas já estarão longe, e ele terá perdido seu tempo e sua energia.

“Quem deseja ser um mestre, tem que escolher apenas UMA coisa para aperfeiçoar-se. O resto é filosofia barata”.

Os Três Livros

O monge Tetsugen tinha um sonho: imprimir um livro em japonês, com todos os versículos sagrados. Decidido a transformar este sonho em realidade, começou a viajar pelo país, arrecadando o dinheiro necessário.

Entretanto, assim que conseguiu a quantia para iniciar o trabalho, o rio Uji transbordou, provocando uma catástrofe de proporções gigantescas. Vendo os desabrigados, Tetsugen resolveu gastar todo o dinheiro para aliviar o sofrimento do povo.

Mas logo recomeçou a lutar por seu sonho: bateu de porta em porta, caminhou por diversas ilhas do Japão, e de novo conseguiu o que precisava. Quando voltava – exultante – para Edo, uma epidemia de cólera alastrou-se pelo país. Novamente, o monge usou o dinheiro para curar os doentes e ajudar a família dos mortos.

Perseverante, voltou ao seu projeto original. Colocou-se novamente em campo e, quase vinte anos depois, conseguiu editar sete mil exemplares dos versículos sagrados.

Dizem que Tetsugen, na realidade, fez três edições dos textos sagrados.

Só que as duas primeiras são invisíveis.

